Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine-RS, no período de outubro de 1999 a junho de 2001 - II - etnotaxonomia: critérios taxonômicos e classificação *folk*.

Vendruscolo, G.S.; Soares, E.L.C.; Eisinger, S.M.; Zachia, R.A.
Departamento de Biologia – CCNE – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS
Correspondência para Renato Záchia – UFSM – Faixa de Camobi Km 9 CEP 97105 900, Santa Maria – RS. (zachia@terra.com.br)

Resumo: Este trabalho é uma pesquisa etnotaxonômica sobre uma comunidade urbana de origem italiana de São João do Polêsine, Depressão Central, Rio Grande do Sul, na região Sul do Brasil. Em investigações anteriores foram obtidos dados sobre plantas de uso medicinal e dos usos gerais das diversas espécies encontradas. Foram também discutidas hipóteses sobre a origem e fluxo do conhecimento na comunidade. Foram obtidos 451 nomes populares e listadas 285 espécies de 80 famílias botânicas de plantas vasculares. O estudo sistemático clássico foi concluído, de modo que 283 entidades foram identificadas até nível de espécie e apenas duas ficaram ao nível de gênero. O presente trabalho teve por objetivo, obter dados etnotaxonômicos demonstrativos das formas de classificação das etnoespécies utilizadas pela comunidade. A partir do estudo dos critérios taxonômicos sugeridos pelos dados das entrevistas abertas realizadas, foram montados agrupamentos interpretativos das relações de parentesco sugeridas implícita ou explicitamente pela comunidade. Foi proposta uma metodologia quantitativa para estabelecimento de índices de importância para os táxons com base nos nomes populares. Não foi encontrado um sistema único de classificação, mas agrupamentos muitas vezes contraditórios e inconsistentes, o que aponta para uma heterogeneidade cultural da comunidade, a despeito da aparente origem comum. Esta pesquisa viabilizará uma melhor compreensão das formas de classificação botânica apresentadas na comunidade em estudo, contribuindo no planejamento de projetos regionais com manejo sustentável baseados no extrativismo ou em agrossilvicultura por exemplo.

Palavras-Chave: etnobotânica, etnotaxonomia, plants medicinais.

Abstract: Utilization of plant resources by an italian descending community in São João do Polêsine, RS, Brazil. II - Etnotaxonomy: taxonomic criteria and folk classification system. This paper is an ethnotaxonomic research in an italian descending urban community from Sao Joao do Polesine, Depressao Central, Rio Grande do Sul, in the South Region of Brazil. In former investigations it has been gotten data about medicinal plants and larger spectra of general uses of the many species found there. Hypothesis about the origin and the flow of the knowledge in this community have been already discussed. It has been gotten 451 common names and a list of 285 species from 80 botanical families of vascular plants. The systematic study has been finished, so 283 taxa were identified until species level, and only two has remained at the genus level. The goal of the present paper was the achievement of ethnotaxonomical data, capable for suggesting the kinds of classification presents in the community. Interpretative different groups have been built based on the relativeness concepts furnished implicitly or explicitly by the informants. It was proposed a quantitative methodology to evaluate the cultural and local importance of the taxa, based on the folk names. There was not found a unique system of classification, but instead, a sort of inconsistent and contradictory groupings, meaning that this community has cultural heterogeneity in despite of its supposed same origin. This research will allow a better understanding of the botanical classification concepts of this community, contributing to the planning of regional projects on sustainable development as extrativism or agroforestry for example.

Key words: ethnobotany, ethnotaxonomy, medicinal plants.

Recebido para publicação em 18/07/2003
Aceito para publicação em 05/01/2005

https://doi.org/10.70151/thcwpm96

INTRODUÇÃO

A botânica sistemática não abrange somente os métodos de classificação científicos, ocidentais; ela também é uma investigação das formas populares (folk) de classificação dos vegetais. Ambas são parte do todo e são complementares. A necessidade do rigor na coleta de dados, na identificação dos táxons, na ortografia e na nomenclatura botânica são essenciais para que o trabalho etnobotânico cumpra o princípio científico de apresentar resultados reproduzíveis. A utilização desses resultados ficará comprometida se isto não for levado em conta na fixação dos objetivos da pesquisa, metodologia e execução do trabalho. Por outro lado, os nomes populares trazem consigo uma série de conceitos ligados a características próprias da comunidade, também sendo parte da coleta de dados do trabalho do botânico e do etnobotânico, pois também carregam consigo princípios relacionados com um sistema próprio de classificação botânica. Feita essa consideração, falta a ressalva de que a etnobotânica não é apenas uma linha de pesquisa endereçada à coleta de dados sobre recursos econômicos oferecidos pelas plantas. A etnobotânica é uma forma de compreensão de como a planta é usada pela comunidade; que conceitos essa comunidade têm a respeito da vida da planta; como as plantas são vistas pelas pessoas, e como a cultura local se relaciona com a planta e com o mundo ao seu redor. As duas formas de classificação botânica são, portanto, interdependentes e complementares (Daly, 1998).

A etnotaxonomia é uma parte da etnobiologia que visa compreender como diferentes grupos culturais são capazes de classificar os seres vivos. Segundo Berlin (1973), a sistemática *folk* é um campo de estudo enfocado na elucidação daqueles princípios gerais de classificação pré-científicos, nomenclatura e identificação dos seres vivos. Conforme Daly (1998) ela envolve o estudo de nomes populares, sua etimologia e a estrutura conceitual em que são usados, fornecendo importantes noções sobre a cultura estudada; podendo gerar também importantes informações para o botânico sistemata. Em um sentido amplo, a etnotaxonomia tem como um de seus principais objetivos, investigar a universalidade da capacidade humana de classificação (Posey, 1987). O universo da etnotaxonomia estende-se desde a compreensão do paradigma estrutural e gerador do sistema de classificação em si, até sua parte mais conspícua e aparentemente desordenada, a nomenclatura popular. Procurar saber se há ordenação e como se processa essa ordenação em diferentes culturas é o ponto de partida da pesquisa em etnotaxonomia.

No sentido de criar-se bases para sistemas taxonômicos *folk*, Berlin (1972, 1976), Berlin *et al.* (1966, 1973) construíram um modelo de classificação hierárquico similar ao sistema lineano. Hays (1982) e Hunn (1982) propuseram uma abordagem utilitária, capaz de descrever os sistemas de classificação popular, evitando imposição de paradigmas como os de hierarquia e categoria propostos por Berlin *et al.* (1973). Jensen (1988) estudou sistemas de classificação de aves utilizados por quatro grupos indígenas amazônicos (Wayampi, Urubu-Ka'apor, Sateré-Mawé e Apalaí). O autor (Op.Cit.) observou que o sistema hierárquico proposto por Berlin *et al.* (1973) ajustou-se em parte aos grupos estudados. Entretanto, colocou dúvidas a respeito da subdivisão do mundo vivo de modo hierárquico, em que um grupo ou espécie é sempre inferior ou superior ao outro. Segundo Jensen (1988) a palavra "chefe" (jovijã) usada pelos Wayampi; conforme o ponto de vista deles sobre aves, seria mais razoavelmente representado como um núcleo central (chefe), com as demais categorias representadas por círculos concêntricos ao seu redor.

O presente trabalho é uma pesquisa etnotaxonômica em uma comunidade urbana de origem italiana de São João do Polêsine, Depressão Central, Rio Grande do Sul, na região Sul do Brasil. Dorigoni *et al.* (2001) e Ghedini *et al.* (2002) fizeram um estudo sobre a utilização de plantas medicinais, respectivamente relacionando enfermidades com espécies utilizadas e analisando as diferentes preparações empregadas. Os dados tinham sido obtidos em entrevistas realizadas em 85 domicílios. Numa investigação prévia sobre a origem e o fluxo do conhecimento etnobotânico, foram obtidos 451 nomes populares e listadas 285 espécies de 80 famílias botânicas de plantas vasculares conhecidas e utilizadas pela comunidade. Na pesquisa atual, investigam-se elementos etnotaxonômicos: critérios taxonômicos e classificação *folk*. Tem-se por objetivo compreender critérios, categorias e hierarquização na classificação das espécies cultivadas pela população urbana polesinense. Além disso, visa-se estabelecer um parâmetro quantitativo objetivo para a avaliação da importância das famílias e espécies botânicas na comunidade.

MATERIAL E MÉTODO

O método de amostragem foi o mesmo utilizado por Dorigoni *et al.* (2001). As mesmas 85 casas visitadas anteriormente por Dorigoni *et al.*(2001) foram visitadas no período de outubro de 1999 a junho de 2001. O trabalho foi realizado por acadêmicos do Curso de Biologia da Universidade Federal de Santa Maria, RS, na área urbana do município[2], que contém 304

[2]Conforme dados fornecidos pelo escritório do IBGE em Santa Maria, RS, segundo o último censo, o município de São João do Polêsine tem um total de 2742 habitantes, sendo 1684 na zona rural e 1058 na zona urbana. Há 724 residências regularmente habitadas no município, sendo 420 na zona rural e 304 na zona urbana. O índice do número médio de habitantes por domicílio para todo o município é de 3,66 habitantes por domicílio, sendo de 4,02 para a zona rural e 3,16 para a zona urbana.

domicílios regularmente ocupados. Este município localiza-se na Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, próximo ao Município de Santa Maria, caracterizando-se por uma população majoritariamente de origem italiana sendo integrante da "Quarta Colônia de Imigração Italiana". Essa revisitação, entretanto, utilizou metodologia e enfoque distintos da anterior. A coleta de informações sobre as plantas utilizou a entrevista não estruturada (Alexíades, 1996); em contraste com a aplicação de um questionário fechado por Dorigoni *et al.* (2001). Na entrevista, o informante era simplesmente estimulado a falar sobre as plantas que ele conhecia). Foram empregadas simples conversações informais adaptadas a uma estratégia de investigação êmica (Kottak, 1994; Albuquerque, 1997); buscando extrair as informações e os pontos de vista dos entrevistados minimizando a interferência dos entrevistadores. Cabia a estes apenas intervir com curtos pronunciamentos como: "sim", "não", "fale mais", "e daí?", "e então?" etc.

O material coletado, fornecido pelo informante, foi prensado para posterior herborização. Os exemplares receberam fichas com a data da coleta, nome do(s) coletor(es), nome popular da espécie dado pelo informante, observações referentes ao hábito e fenologia e também o número da residência correspondente questionário aplicado no trabalho de Dorigoni *et al.* (2001). As espécies foram identificadas com auxílio de literatura especializada (chaves de identificação e monografias) e também através da comparação com material existente nos herbários SMDB, ICN, PACA e HAS, pelos quatro autores do trabalho. Utilizou-se o sistema de Cronquist (1981). Foram também consultados especialistas nas respectivas famílias (ver agradecimentos), mas a decisão final na determinação das espécies foi de responsabilidade exclusiva dos autores do trabalho. As exsicatas foram depositadas no herbário SMDB.

Os informantes consultados nesta pesquisa, nem sempre corresponderam às mesmas pessoas entrevistadas por Dorigoni *et al.* (2001). Por isso, podem faltar espécies encontradas anteriormente, ou podem existir novas citações ainda não obtidas. Da mesma forma, justificam-se as diferenças entre os nomes populares encontrados neste e naquele levantamento. Do mesmo modo, nem todos os moradores das residências estudadas por Dorigoni *et al.* (2001) eram os mesmos; pois alguns moradores tinham mudado para outra cidade, e os novos entrevistados haviam alterado completamente a composição dos jardins e dos quintais, desconhecendo muitas plantas relatadas pelos antigos residentes. Em alguns casos, a casa estava já desabitada e foi necessário procurar a casa imediatamente ao lado daquela.

Os números de identificação de informantes, citados no texto, correspondem aos 85 questionários aplicados ou residências visitadas (Dorigoni *et al.*, 2001; Ghedini *et al.*, 2002). Cada questionário equivale a uma residência visitada, ou um informante, e representa a unidade amostral do trabalho. Os dados coletados incluíram:

1) Listagem de nomes populares correspondente às espécies coletadas, identificadas e incluídas no herbário SMDB.

2) Comentários gravados em conversas informais (entrevistas abertas) realizadas com os informantes, detectando-se três itens fundamentais:

a) Critérios taxonômicos
b) Categorias taxonômicas
c) Hierarquização

A coleta de dados sobre nomes populares foi feita, na maioria das vezes com gravação da entrevista e anotação em caderneta de campo, realizadas simultaneamente por duas pessoas enquanto uma terceira coletava, anotava dados em etiqueta e prensava o material apresentado pelo informante (herborização). Enquanto isso, um quarto pesquisador conversava com o entrevistado. Entre 85 entrevistados, apenas um não autorizou a gravação. Os nomes populares foram transcritos à risca, conforme à pronúncia apresentada, considerando-se mesmo as pequenas diferenças como a terminação "-lão" ou "-lon", ou ainda as preposições "de" ou "da", por exemplo. Da mesma forma, foram tratados nomes de origens similares, mas que designavam substantivos de diferente conotação, como por exemplo "goiaba" (a fruta) ou "goiabeira" (a árvore). Portanto, mesmo nomes com pequenas diferenças como estas, foram considerados distintas formas de nomes populares, no sentido de adotar-se um único critério (é diferente? sim ou não), reproduzível em outras pesquisas.

Não houve contatos entre diferentes informantes no momento da entrevista. Cada informante foi visitado de uma a várias vezes. No caso daqueles que foram visitados várias vezes, as visitas adicionais ocorreram para a coleta de espécimens férteis para herborização.

Para caracterizar os critérios taxonômicos *folk*, foram escolhidos aqueles encontrados em um maior número de residências. Critérios principais foram aqueles capazes de aglutinar o maior número de etnoespécies e formar grupos abrangentes; por isso reconhecidos como dominantes, enquanto os critérios secundários foram aqueles capazes de caracterizar subcategorias.

Na investigação sobre as formas de classificação local, foram criadas categorias taxonômicas conforme os níveis sugeridos pelos informantes. Seguiu-se o sistema utilizado por Jensen (1988), baseado em Berlin *et al.* (1973), subdividido em: iniciador absoluto (*unique beginner*), etnoclasse (*life-form*), etnogênero (*generic*), etnoespécie (*specific*) e etno-subespécie (*varietal*). O autor (*Op.Cit.*) propôs

etnofamília como um nível intermediário entre a etnoclasse e o etnogênero. A princípio montou-se o sistema sem a adoção da categoria etnofamília, mas preferiu-se adotá-la finalmente, pois era mais adequada para amplos agrupamentos, empregando-se gêneros para a estruturação interna desses grandes grupos.

Todos os níveis de categorias foram empregados, mesmo que não existissem nomes formais para os etnotáxons. Nos casos da inexistência de um nome, só foram empregados os vocábulos ou expressões utilizadas pela comunidade para formar o agrupamento. Conforme Posey (1987), quando os organismos representam maior importância para o grupo étnico e consequentemente são melhor conhecidos, há um maior detalhamento de categorias intermediárias e uma maior definição de subgrupos. O mesmo autor (*Op.Cit.*), mencionou que nos casos de organismos de menor relevância e mal conhecidos, o grupo étnico reconhece categorias informais ou ocultas. Conforme Hunn (1982) esse maior detalhamento estaria ligado com a importância prática das espécies no dia-a-dia da comunidade, isto é, sua maior utilidade.

Admitiu-se a ocorrência de uma mesma etnoespécie em diferentes subcategorias, pois na mesma comunidade há a possibilidade de existirem várias formas diferentes de classificação, o que será tanto maior, quanto maior for a heterogeneidade cultural da mesma. Como são sistemas artificiais, inconsistentes por natureza, não há um enraizamento como seria de esperar no caso de uma classificação de base filogenética.

O termo fitonímia, normalmente empregado genericamente à qualquer nomenclatura taxonômica vegetal (Houaiss, 2001), já foi empregado por Martínez-Crovetto (1968), num sentido mais restritivo à etnofitonímia. Aqui propõe-se a caracterização de etno-sinonímias e etno-homonímias para a nomenclatura popular. A seguir detalham-se estes conceitos para o estudo das etnofitonímias:

A. Etno-sinônimos (Sinônimos *folk*): são nomes populares diferentes para uma mesma espécie botânica.

1. Etno-sinônimos falsos: são nomes populares estruturalmente similares, utilizados para uma mesma espécie, cuja única diferenciação está no uso de um qualificativo adicional, opcional; ou levemente modificados por adição, subtração ou substituição de algumas letras.

1.1. Complementares: adicionam um adjetivo que qualifica o sinônimo, às vezes é omitido, quando não há outro táxon para diferenciar.

1.2. Diminutivos: qualificam o nome, dando-lhe um diminutivo para a mesma espécie. Devem excetuar-se os casos nos quais o diminutivo é utilizado para diferenciar espécies botânicas distintas; neste caso, não são sinônimos.

1.3. Alternativos: nomes simples cujas pronúncias variam, ou compostos nos quais omite-se a parte inicial, mas que apresentam estrutura básica homogênea.

2. Etno-sinônimos verdadeiros: São nomes estruturalmente diferentes para uma mesma espécie.

B. Etno-homônimos (Homônimos *folk*): são nomes populares gráfica e foneticamente similares para diferentes espécies botânicas. Não são meros homógrafos, homófonos como o vocábulo macaco[1], que tem a mesma grafia e dois significados distintos. Os etno-homônimos são homógrafos, homófonos que carregam o mesmo conceito etnotaxonômico. São táxons (etnogêneros, etnoespécies, etnosubespécies).

C. omes utilizados para diferenciar cultivares comerciais: são nomes não associados a sinonímias nem homonímias, pois tradicionalmente diferenciam variedades comerciais ou agronômicas amplamente difundidas pelos serviços de extensão agrícola ou empresas produtoras de mudas ou sementes.

A análise quantitativa dos resultados foi feita, utilizando-se planilhas do programa Microsoft Excel, a partir das quais foram gerados tabelas e gráficos. Foram verificados o número de nomes populares por família, o número de espécies por família, o número de nomes populares por espécie, o número de espécies nas quais pelo menos um informante não sabia o nome popular e o número de espécies indicadas por apenas um informante, ou aquelas para as quais havia unanimidade ou divergências na aplicação do nome popular. Foram calculadas as porcentagens para estabelecer comparações.

Neste trabalho, parte-se do princípio que diferentes nomes populares por família ou por espécie são dados quantitativos finitos e objetivos, diferentemente de números de diferentes usos por táxon. Phillips & Gentry (1993) avaliaram a importância dos táxons utilizando os diferentes usos; entretanto, os diferentes usos podem mudar de acordo com o grau de abrangência das categorias. Por exemplo, em um trabalho adota-se o uso medicinal como uma das várias categorias; em outro, os diferentes usos medicinais são diferentes categorias com o mesmo status das diferentes categorias não medicinais. Aqui, sugere-se que o número de nomes populares diferentes seja utilizado para verificar parte da estimativa de importância cultural de cada família botânica.

Para verificar a importância dos nomes populares por família foi criado um índice denominado IPE, que nada mais é do que o número de nomes populares por espécie para cada família. Verifica-se o

[1] Macaco em geral pode denominar um animal, símio, primata ou um instrumento que serve para elevar automóveis para a troca de pneus.

total de nomes populares da família e divide-se pelo número total de espécies. Entretanto, o uso do IPE sem levar em conta o número de informantes (unidades amostrais) e o número de espécies por família, poderá causar uma distorção na ordenação das famílias, gerando uma falsa idéia de sua real importância na comunidade. Isto ocorre porque uma família com apenas uma espécie, citada por apenas dois ou três informantes, poderá ter um grande número de nomes populares, mas não será representativa na comunidade devido ao baixo número de espécies e pouco conhecimento da mesma entre os informantes. Para evitar essa distorção, o cálculo de um índice de importância da família, a partir dos nomes populares não deve levar em conta somente a proporção entre número de nomes populares e o número de espécies. No cálculo, deve ser incluído o número de unidades amostrais nas quais encontrou-se a espécie sendo utilizada, desde que apresentasse ao menos um nome popular. A princípio, quanto maior o número de unidades amostrais nas quais a família estiver presente, maior o conhecimento objetivo, quantificado em número de nomes populares, sobre aquela família. Também deve ser levado em conta o número de espécies da família, pois se isto não for considerado, os dados isolados de uma ou outra espécie poderão fazer com que se superestime o valor de importância da família. O cálculo esboça-se a partir das proposições:

IPE = nºde nomes populares da família/nºde espécies da família

Peso relativo dos nomes populares = IPE x nº de unidades amostrais x nº de espécies

Entretanto, a relativização do número de unidades amostrais e do número de espécies seria necessária; pois, no caso do primeiro igualar-se ao número total de amostras e o segundo igualar-se ao número total de espécies (situação teórica), o peso relativo dos nomes populares seria igual ao IPE.

Sendo assim, teríamos uma fórmula equilibrada para este índice (PRNP):

PRNP = IPE x (U/Ut) x (nE/ntE)

onde:

PRNP: peso relativo dos nomes populares. É um índice que estabelece o grau de relevância de uma família para a comunidade, levando em conta apenas o número de nomes populares em relação ao número de relativo espécies e o número relativo de informantes da família; considerando-se apenas as espécies utilizadas e denominadas pelos informantes através de um ou mais nomes populares.

IPE: índice do número de nomes populares para cada espécie da família. É a proporção ou razão entre o número de nomes populares e o número de espécies da família.

U: número de unidades amostrais nas quais foram encontrados representantes da família, utilizados pela comunidade e denominadas pelos informantes através de um ou mais nomes populares.

Ut: número total de unidades amostrais.

nE: número de espécies encontradas para a família, considerando-se apenas os representantes utilizados pela comunidade e denominados pelos informantes através de um ou mais nomes populares.

ntE: número total de espécies encontradas

Este trabalho não pretende sugerir a idéia do uso do nome popular como substituto do valor de uso, mas a intenção é a de propor um índice objetivo que em primeiro lugar admita como dados quantitativos os diferentes nomes populares, caracterizados como diferente ou não?, e atribuindo um valor relativo com base neste critério para cada família. Como já foi dito, é um critério único e reproduzível. Isto não exclui que se faça um estudo do valor de uso de cada espécie ou de cada família conforme fizeram Phillips & Gentry (1993). O estudo do valor de uso, entretanto, fugiria aos objetivos do enfoque etnotaxonômico deste trabalho.

Ressalva-se enfaticamente que os usos referidos para "plantas medicinais" são dados obtidos na comunidade, não devendo ser entendidos como indicações de utilização terapêutica. Este trabalho não comprova, não aprova, nem desaprova o uso dessas plantas como medicinais, apenas reúne os dados e elabora hipóteses a partir dos mesmos. A utilização das mesmas como medicinais ou "remédios" é um atributo cultural da comunidade que as emprega por tradição. Desaprova-se qualquer iniciativa de propaganda ou prescrição das espécies vegetais aqui apresentadas com a finalidade de utilização médica, sendo que não constituem medicamentos e, em sua grande maioria, têm pouco ou nenhum estudo farmacológico que possibilite o mínimo de segurança ou que confirme sua eficácia para indicação terapêutica.

RESULTADO E DISCUSSÃO

I. Critérios taxonômicos *Folk*:

O critério do "uso" aparece como sendo o principal na hierarquia taxonômica elaborada pela comunidade. Critérios baseados no habitat, aspectos ecológicos e morfológicos, foram considerados secundários, caracterizando subcategorias taxonômicas *folk*. Conforme Posey (1987), a própria elaboração de subcategorias constitui um guia êmico, isto é, visto de dentro, que permite penetrar no âmago dos sistemas, fornecendo um indício seguro do seu significado cultural. O informante nº 17, ilustra bem

isto ao comentar sobre a etnoespécie melissa (*Melissa officinalis*): é um "chazinho bom, calmante quase igual cidreira". Por sua vez, o informante nº 58 comentou sobre a cidreira-de-folhinha (*Salvia microphylla*): "ela é tipo a cidreira, só que ela é em folha; bom prá botá no chimarrão, fazê chá; é calmante; prá tudo". Os informantes 43 e 35 respectivamente fazem os seguintes comentários sobre *Aloysia citriodora*: "tem o mesmo efeito da cidreira" e "é da mesma família da melissa". A cidreira, que é volta e meia mencionada como referência nesses comentários, provavelmente é *Cymbopogon citratus*, pois entre as "cidreiras" é a mais citada (15 informantes). De certa forma, os conceitos dessas espécies estão muito entrelaçados na comunidade, principalmente em função do uso. Analisando-se a tabela 1, vê-se que há vários nomes associados ao nome cidreira, sendo impossível separá-los de um conceito único, em função da existência de fragmentos, radicais, sufixos ou prefixos em comum. Observa-se também que de 23 eventos, *Cymbopogon citratus* recebe o nome cidreira em 15 eventos, o que fornece a estimativa de 65,2% de chances dessa espécie ser reconhecida por este nome nesta comunidade. Na citação do informante nº 85 sobre a etnoespécie alevante (*Mentha* X *piperita* var. *citrata*): "é que nem hortelã, bom para dar sorte", também prioriza-se o uso como critério taxonômico. Estes exemplos ilustram que o critério "uso" (calmante e sorte), no primeiro caso, agrupa as plantas melissa e cidreira; no último caso, reúne alevante e hortelã. O critério "uso" e as categorias "calmante" e "sorte", fazem parte do guia êmico da comunidade. As características morfológicas ou organográficas, que permitiriam um maior paralelismo com os sistemas científicos de classificação, são pouco utilizadas pela comunidade. Em geral nas conversas com os informantes, o conceito principal abordado é o de família, em comentários do tipo: "essa é da família da outra", tendo-se como critério de afinidade, via de regra, a utilização das espécies. Observou-se este comportamento, inclusive nas reuniões que foram realizadas entre os informantes, quando tentavam fazer o reconhecimento de uma planta. A caracterização morfológica nunca extrapolou conceitos superficiais como "a folha é maior" ou "a folha é mais peludinha". Em muitos casos, as características morfológicas diferenciais apontadas pelos informantes eram contraditórias com a morfologia observável no exemplar coletado e apresentado por eles mesmos.

TABELA 1: número de citações (informantes) dos nomes associados ao nome cidreira para cada espécie, conforme conceitos da comunidade. Decodificação das espécies: *Aloysia citriodora* (A.citr.), *Cymbopogon citratus* (C.citr.), *Lippia alba* (L.alba), *Melissa officinalis* (M.off.), *Nepeta cataria* (N.cat.), *Ocimum gratissimum* (O.gra.), *Salvia microphylla* (S.mic.), *Thymus serpyllum* (T.ser.).

Nomes populares	Espécies							
	A.citr.	C.citr.	L.alba	M.off.	N.cat.	O.gra.	S.mic.	T.ser.
capim-cidreira		4						
capim-cidró		3						
cidreira		15	1					
cidreira-de-árvore	1							
cidreira-de-arvorezinha	1							
cidreira-de-folhinha							1	
cidró	3							
cidró-pessegueiro	1							
cidrozinho	1							1
erva-cidreira	1	1						
melissa				12	3	1		
verdadeira-melissa-cidreira					1			

O critério do "uso" poderá às vezes determinar agrupamentos de espécies taxonomicamente não aparentadas, ou poderá agrupar espécies de um mesmo gênero, de difícil separação para pessoas não familiarizadas com a botânica sistemática. No primeiro caso poderia ser usado como exemplo *Arctium minus*, com comentários do informante nº 35: "é da mesma família do boldo", leia-se *Plectranthus barbatus*, "para o fígado; dizem que é erva milagrosa". Neste exemplo, o informante implicitamente reconhece que é outra etnoespécie, pois ambas foram coletadas em sua casa e receberam nomes distintos, embora o informante classifique-os, ambos na mesma família, baseando-se no critério "uso" (para o fígado). A segunda situação poderia ser ilustrada pelo complexo de etnoespécies formado por espécies do gênero *Mentha*. Neste caso, os nomes ponto-alívio e peito-livre (corruptelas de pronto-alívio) ou alevante (levante) e hortelã ora utilizam-se para uma ou para outra espécie do gênero *Mentha*, sem que os informantes cheguem a diferenciar bem entre si, nenhuma das quatro espécies encontradas. O critério "uso" acaba gerando um complexo de etnoespécies, associando os nomes alevante ao ânimo (85 - "força

prá pessoa cansada"; 58 - "isto levanta até defunto..."); peito-livre (ponto-alívio) à gripe (49 - chá para criança gripada), e hortelã à sorte (8), combate aos vermes (8, 20, 60, 61, 68, 69, 73, 84), calmante (8), tempero para carne (83), repelente de insetos da horta (8), contra dores e problemas correlatos: garganta (52), gripe (28, 15), tosse (20), estômago (58, 20), digestivo (73). É curioso notar, entretanto, que alguns informantes denominam hortelã à *Melissa officinalis*, usada como calmante (49) ou para o estômago (71). *Ocimum americanum*, é denominada hortelã por informantes que a utilizam como tempero (76, 85). Em especial no caso do informante nº 85, foi relatada a sua utilização para temperar o quibe, demonstrando a confusão com as espécies de *Mentha* tradicionalmente utilizadas na culinária árabe. Isto fica explícito ao verificar-se que o informante nº 26 emprega o nome popular quibe para *Ocimum americanum* e utiliza-o igualmente para tempero. Verificou-se algo similar com o informante nº 52 que identificou *Plantago major* como transage, usada para dor de garganta, mas ao observar *P. australis* disse: "é outra tansage, parecida", sem fornecer maiores detalhes sobre o uso. Também verificou-se esta situação com relação às espécies de *Polygonum*. Um caso intermediário ocorreu com o informante nº 44 que reconheceu diferenças entre *Salvia officinalis* e *Stachys byzantina*, ambas Lamiaceae, a primeira utilizada como tempero e a última para fazer chá. O informante disse com relação à *S. byzantina*: "é peludinha, boa prá chá; tipo a sálvia, mas é outra".

Muitas vezes, o mesmo uso, somado à semelhança de hábito e morfologia geral, resultou no mesmo nome popular. Isto ocorreu com *Chrysanthemum myconis* e *Calendula officinalis*, que compartilham o mesmo nome popular (calêndula) e a mesma indicação (para dor de ouvido, feridas, alergias e como antibiótico). *Lactuca canadensis* é comparada à *Hipochaeris brasiliensis* como sendo outra qualidade da mesma etnoespécie, mas que apresenta propriedades especiais: "é macia, contém hormônio, mulheres assim, que precisa tomá hormônios, essa coisa, comê bastante dessa aqui, mesmo tipo daquela (radicha), é outra qualidade que eu plantei" (nº 76).

Afirmações do tipo, "isto é uma folhagem", ou "isto é um antibiótico", aparecem como categorias mais abrangentes, mesmo não sendo formalmente apresentadas como tal. O informante nº 8 disse, ao referir-se à *Achillea millefolium* e à *Chaptalia nutans*, em diferentes ocasiões, a mesma frase: "esta é da parte do antibiótico", e assim enquadrou-as, implicitamente, numa "família" (etnofamília). *Alternanthera dentata*, um dos "antibióticos", é denominada de terramicina por apenas um dos informantes, enquanto outros seis utilizaram o nome penicilina. O informante nº 61 coloca folhas na água quente para gripe ou febre, ou apenas coloca as folhas em cima, no uso externo em feridas. Outro informante (32), diz que é "bom prá inchume, quando se machuca". Os dois informantes chamam-na de penicilina. Ao todo, com o nome de penicilina, a espécie tem três indicações para gripe, uma para febre, uma para machucados e uma para ser usada "como a penicilina". Com o nome terramicina é indicada para febre. Dois entrevistados chamam-na de anador, indicando uso contra a dor e como antibiótico; outro chama de melhoral e indica para dor. O fato de que um dos entrevistados chame de anador uma planta que ele indica como antibiótico, demonstra que nem sempre há uma associação direta entre a indicação de uso e o nome popular. O nome de um medicamento qualquer pode servir para denominar um antibiótico, um analgésico ou um antitérmico, basta ser reconhecido como útil contra a dor ou febre, por exemplo. Por outro lado, funcionar como penicilina e ser penicilina são quase a mesma coisa. *Bidens pilosa* "é penicilina" da mesma forma que *Alternanthera dentata*. É uma fusão de nome popular com uso e função. Do mesmo modo, a informante nº 32 não associa a planta insulina (*Sphagneticola trilobata*) ao diabetes, mas afirma que usa contra a dor. Evidencia-se, dessa forma, que os conceitos apresentados pela comunidade são frutos de uma interpretação peculiar a partir da miscelânea de informações adicionadas ao conjunto do conhecimento tradicional. Este, primitivamente restrito à mensagem oralmente transmitida, hoje incorpora programas de rádio e televisão, reuniões das pastorais (igreja católica), palestras, cursos, livros, revistas, vídeos, CDs, jornais e internet. O conteúdo cognitivo novo não é meramente absorvido, pois sua assimilação depende de sua reelaboração. A partir dessa transformação, o conhecimento ganha identidade local. Assim como, os conceitos de doença e de cura são diferentes de um grupo cultural para outro (Posey, 1987; Albuquerque & Chiapetta, 1994), mesmo conceitos academicamente bem estabelecidos como "antibiótico" ou "analgésico"; após serem miscigenados ao conhecimento tradicional, deixam de ser "conceitos universais" e passam a pertencer ao universo cultural local. A não observância desses princípios, terá uma série de implicações práticas previsíveis ao nível da linguagem, quais sejam, rupturas na comunicação entre médico e paciente, professor e aluno ou extensionista e agricultor. Ao elaborar-se planos de manejo e conservação ambiental isto deve ser previsto.

A comunidade também tem seus próprios conceitos com relação às influências do habitat ou de fatores ambientais na diversidade das espécies. No caso do informante nº 31, este ao visualizar *Baccharis trimera* e *B. articulata* mencionou que "são a mesma, depende da terra". Isto significa que ele as

considera a mesma espécie (etnoespécie), e que as variações morfológicas são determinadas por fatores ambientais. Da mesma forma, o informante nº 69 fez a seguinte afirmativa para *Nasturtium officinale*: "esse (agrião) é o aquático", sugerindo que deva existir um outro, terrícola.

Os critérios morfológicos incluíram pilosidade, características de flor, fruto e hábito. O informante nº 44 comentou sobre *Chaptalia nutans* (arnica): "a boa é a que é branca e peludinha embaixo. A verde não é boa". Sobre *Bauhinia forficata* (pata-de-vaca), o informante nº 84 afirmou: "tem uma que é selvagem, não está domesticada, e a outra que é imitante, mas não é a mesma coisa; a verdadeira pata-de-vaca dá flor e dá uma vagezinha; a outra não dá nem flor e nem vage". O informante nº 79 diferenciou categorias "*folk*" de *Phaseolus vulgaris* (feijão-de-vage), utilizando como critérios, hábito, forma dos frutos e coloração de flores e frutos: "do feijão-de-vage, come a vagem inteira; tem quatro tipos; a vage redonda e amarela tem flor branca; a vage chata tem flor rosa e é trepadeira; a vage verde é trepadeira e tem flor branca ou amarela, e tem a vage verde que é rasteira e tem flor rosa". Dois informantes distantes entre si, em ocasiões diferentes, diferenciaram claramente por características morfológicas, *Cuphea racemosa* de outras duas espécies de *Cuphea* (*C. glutinosa* e *C. calophylla*), afirmando que a primeira não era "sete-sangria". As demais eram reconhecidas como "sete-sangria", indistintamente. Nomes como angiquinho, usado para *Phyllanthus tenellus* (informante nº 8, 23) e quebra-pedra-de-rama, usado para *P. niruri* (informante nº 51), servem para diferenciar estes quebra-pedras de hábito ereto, daqueles de hábito decumbente ou prostrado, *Euphorbia serpens* e *E. prostrata*, denominados quebra-pedras-rasteiros (informantes nº 13, 74). Em outro exemplo, o informante nº 12 disse: "come a fruta, tipo fruta-do-conde, só que esta é pequenininha" (*Rollinia salicifolia*). Esta generalização a partir da morfologia do fruto pode sugerir a inclusão de uma entidade específica (etnosubepécie "araticum") em uma categoria mais abrangente (etnoespécie "fruta-do-conde"), utilizando o tamanho do fruto como critério taxonômico diferencial. O informante nº 8, comparando *Plantago major* com *P. tomentosa*, disse: "essa aqui é de outra qualidade, mas são dois tipos de transagem; agora a certa eu não sei; essa aqui não tem aquele pelinho, ela é lisa, então dizem que essa aqui é a legítima; eu uso as duas, porque antes que viesse essa, a gente usava a outra e tava dando certo; tanto para chá, como para fazer complessas".

A visão taxonômica local é de certo modo mais ampla do que a visão taxonômica tipológica acadêmica, em função de que certos agrupamentos baseiam-se em critérios morfológicos de diferentes fases de crescimento do vegetal. Isto justifica o agrupamento de espécies morfologicamente muito díspares na fase reprodutiva, mas que assemelham-se em fases iniciais da ontogenia, não levando em conta apenas o padrão típico do exemplar fértil.

Certas associações entrelaçam conceitos induzindo a certos padrões genéricos que podem incluir várias espécies. No caso de *Anethum graveolens*, afirma-se: "endro, tipo erva-doce, que se usa para pôr no pão" (nº 85). O informante nº 58 informou que é "parecido com funcho, para intestino, para vento" não tendo diferenciado a espécie *Anethum graveolens* (*Záchia et al.* 4117) de *Coriandrum sativum* (*Záchia et al.* 3639). Segundo o informante nº 69, *C.sativum* é "bom prá gastrite; a sementinha uso nas conservas de pepino; qualquer conserva de vidro; se usa a sementinha como pimenta". O informante nº 76 disse sobre *C.sativum* "dá prá tempero (de pizza) e conserva de pepino; é um relaxante; pro estômago; pro sangue; prá tudo; um ótimo remédio; dizem que uma mulher salvou o filho da morte com o chá de coentro". Já com relação a *Foeniculum vulgare*, o informante do questionário 7, disse que "a semente vem da erva-doce". O informante nº 17 disse: (*F.vulgare*) "dá semente igual a erva-doce". Com referência ao uso para lactantes: "chá de funcho com leite é bom para mãe que dá mamá" (35). Segundo o informante nº 42, "uma xícara de chá passa a tontura; muito bom, às vezes vem do estômago a tontura". O informante nº 46 afirma: "chá quente de funcho com mangerona é bom prá cólica". Observa-se, portanto que os conceitos "erva-doce" e "funcho" reúnem *Anethum graveolens*, *Coriandrum sativum* e *Foeniculum vulgare* em um agrupamento oculto, embora mais ou menos bem definido, onde dificilmente separam-se as três espécies.

As recomendações de diferentes modos de preparo de chás são abordagens comuns na comunidade (Ghedini *et al.*, 2002); entretanto, foi constatado que um informante (nº 32) apresentava o conceito de chás quentes ou frios com conotação sistemática. A família visitada (32) não declarou origem italiana e tanto as espécies utilizadas como os usos eram bastante diferenciados do restante encontrado na comunidade. O caráter diferencial mais interessante foi sua explicação de que doenças do frio deveriam ser tratadas com remédios ou chás quentes a serem tomados frios e que as doenças do calor deveriam ser tratadas com remédios frios ou chás frios, a serem tomados quentes. Assim, ao explicar o uso de *Artemisia alba*, disse: "é bom para pontada; remédio quente, o chá é quente; se toma frio". Pontada é uma "doença do frio".

Às vezes é possível constatar certa confusão na identificação das etnoespécies devido à falhas na observação ou motivados por má memorização de características diagnósticas culturalmente adotadas pelos próprios informantes na diferenciação das

espécies. É o caso do informante nº 47 que ao apontar para seu único exemplar de *Aloe vera* em seu quintal e que não estava florido, disse que a "babosa tinha a flor cor-de-rosa". Na verdade, esta espécie tem flores amarelas. Ele confundiu com *A. obscura* que tem flores rosadas e que é cultivado nos quintais e jardins da vizinhança de sua casa. Em outro caso, o informante nº 21 apontou para *Cissus verticillata* no cercado de seu quintal e começou a descrever características morfológicas e de uso referentes ao maracujá (*Passiflora edulis*), mas que nada tinham a ver com a espécie que ele estava nos apresentando.

II. Classificação *folk*:

Foi possível confirmar o que diz Posey (1987) com relação a um maior detalhamento e subcategorização para organismos de maior importância e mais profundamente conhecidos pelo grupo étnico, com formação de categorias ocultas e baixo detalhamento para organismos de pouca relevância ou pouco conhecidos. As plantas de uso medicinal demonstraram ser altamente conhecidas, com uma grande subcategorização. A etnoclasse "Para remédio" apresentou 18 etnofamílias, 29 etnogêneros e 188 etnoespécies (Tabela 2). Em especial a etnofamília dos calmantes é bem consistente, apresentando uma organização interna bem estruturada, o que é demonstrado pelo maior número de etnogêneros (sete) bem definidos em comparação a outras etnofamílias, não apresentando etnogêneros ocultos. A etnofamília do reumatismo, com três etnogêneros, não apresentou nenhum etnogênero oculto. As demais etnofamílias desta etnoclasse apresentaram cada uma, um etnogênero oculto, o que significa que não foi possível interpretar a organização interna das suas etnoespécies. A etnoclasse: "Prá comer..." com três etnofamílias, cinco etnogêneros e 56 etnoespécies, apresentou a única etnofamília oculta encontrada. Isto ocorreu pelo fato de que as abóboras e morangas não foram caracterizadas nem explícita, nem implicitamente como frutas, situando-se sob uma etnofamília mal definida. As demais etnoclasses apresentaram-se fracamente estruturadas e pouco subcategorizadas. As etnosubespécies foram representadas por substantivos com pequenas variações por supressão ou adição de afixos ou complementação por fragmentos qualificativos. Um exemplo é a arruda que é pronunciada às vezes como ruda, em especial para denominar *Synadenium grantii*, uma etnosubespécie. Para a comunidade, arruda e ruda são uma entidade única, uma etnoespécie, incluindo a arruda-macho (com folhas maiores) e a arruda-fêmea (com folhas menores) como uma só subespécie supostamente dióica[1]. Em muitas etnoespécies, os informantes forneceram sinônimos conhecidos por eles para as mesmas espécies e, em outros casos a mesma espécie foi apresentada para informantes que reconheciam que seus vizinhos usavam outros nomes. Por isso, em várias etnoespécies há dois ou mais nomes para definir a entidade taxonômica *folk*.

Há sugestões de parentesco para 83,8% dos 451 diferentes nomes populares encontrados. Estes foram implícita ou explicitamente classificados pelos informantes, em uma ou outra categoria, baseando-se nos critérios de uso. A classificação implícita foi aquela na qual os informantes usam um mesmo nome popular básico, com qualificativos diferenciais. Na classificação explícita o informante diz que aquela etnoespécie pertence a uma ou a outra família ou grupo específico. A falta quase completa de uma correspondência entre as categorias botânicas dos sistemas científicos ocidentais e as categorias *folk*, justifica-se pela diferença de critérios, pois em geral não foram usados critérios morfológicos.

Constatou-se em alguns casos (marcados entre colchetes) a necessidade da interposição de táxons que não poderiam ser formalmente inseridos no agrupamento maior, pois não obedecem ao critério de inclusão requerido. São, entretanto interpostos com base em critérios de inclusão transversais; pois aderem ao táxon por serem parônimos, homônimos heterófonos ou vocábulos de mesmo radical, com provável origem comum. Em outros casos são nomes diferentes utilizados por outros informantes para a mesma espécie, sem indicação de uso ou para usos distintos do critério de inclusão. Estes episódios indicam provavelmente a falta de informação suficiente na coleta de dados, o que permitiria concluir pela definitiva agregação ou não, do táxon menor ao taxon abrangente. No caso do item 2.1.2.3, por exemplo, existe a dúvida de que fortuna e olho-grande sejam ou não considerados sinônimos na comunidade. Não houve indicação de uso para fortuna, logo sua localização ainda é incerta. No caso 4.1.2, alface-lisa é agrupada sobre o termo genérico alface, mas a inclusão de alface-crespa é incerta, pois a única informação disponível é de que é usada como salada e o critério de inclusão na etnofamília é o de uso como calmante. Entretanto, seu nome distingue-se de alface somente pelo adjetivo crespa, o que justifica sua intercalação transversal. No exemplo 4.14.1.1, *Alternanthera dentata* só é citado como antibiótico sob a denominação anador; nos demais casos tem outros usos correspondentes a outros nomes (terramicina, penicilina, melhoral). Sua intercalação é apenas uma hipótese de inclusão na etnoespécie, faltando para isso mais informações. Em todos estes casos (68 ao todo), a confirmação da inclusão ou não dos nomes intercalados transversalmente,

[1]os informantes acreditam que a arruda-macho (*Ruta chalepensis*) é o pé masculino e que arruda-fêmea (*Ruta graveolens*) é o pé feminino da mesma espécie, o que seria possível somente se a "etnoespécie" fosse dióica. No caso trata-se de duas espécies distintas, ambas monóicas, monóclinas.

dependerá da continuidade da pesquisa. A obtenção de um maior detalhamento nas relações de parentesco admitidas teria de ser feita de forma combinada, através do uso da metodologia de observação participante (Kottak, 1994), com a convivência dos pesquisadores com a comunidade durante algum tempo e da pesquisa participativa (Moussa *et al.*, 1998); que promoveria, através de um trabalho de extensão contínuo, resultados importantes de retorno à comunidade, gerando resultados de pesquisa mais completos.

O conjunto de dados que apresenta-se a seguir não é um sistema de classificação criado pelos autores, nem pode ser considerado como um sistema único, consistente e homogêneo aceito como um todo pela comunidade. É a reunião das diferentes formas de classificação implícita ou explicitamente sugeridas pela comunidade. Ocorre que uma mesma etnoespécie ora está em um etnogênero, ora está em outro. Isto demonstra que a comunidade não é tão homogênea culturalmente como se supunha com base em sua origem italiana. Uma mesma etnoespécie é reconhecida por alguns informantes como alimento, mas para outros ela somente tem importância ornamental. A partir desse quadro é impossível montar-se um sistema de classificação como nos casos dos grupos indígenas estudados por Jensen (1988). O modelo inicial de homogeneidade cultural sugerido pela origem italiana é falso, visto que é uma comunidade com influências culturais tão diversificadas que não apresenta consenso em diversas situações nas quais agrupa suas etnoespécies. A seguir expõe-se agrupamentos interpretativos das relações de parentesco sugeridas através das entrevistas com diferentes informantes. Muitas vezes são contraditórios, mas são independentes, pois refletem diferentes conceitos presentes na comunidade; entretanto, funcionam como ferramentas para a localização das etnoespécies.

Iniciador absoluto: PLANTA

1. Etnoclasse: PLANTA-DE-JARDIM

1.1. Etnofamília: FLOR-DE-JARDIM E FOLHAGEM

1.1.1. Etnogênero: oculto

1.1.1.1. Etnoespécie: FOLHAGEM (*Solenostemon scutellarioides*)

1.1.1.2. Etnoespécie: PAU-D'ÁGUA (*Cordyline australis*)

1.1.1.3. Etnoespécie: FLOR-DE-CERA (*Ixora coccinea*)

1.1.1.4. Etnoespécie: GIRASSOL (*Helianthus laetiflorus*)

1.1.1.5. Etnoespécie: PRIMAVERA (*Brunfelsia uniflora*)

1.1.1.6. Etnoespécie: SEMPRE-VIVA (*Helichrysum bracteatum*)

1.1.1.7. Etnoespécie: GRAMA-DE-JARDIM (*Stenotaphrum secundatum*)

1.1.1.8. Etnoespécie: MALVA-DE-JARDIM (*Malva sylvestris*)

1.1.1.9. Etnoespécie: ALECRIM-DE-JARDIM (*Rosmarinus officinalis*)

1.1.1.10. Etnoespécie: PIMENTÃO-DE-JARDIM (*Capsicum baccatum*)

2. Etnoclasse: OLHO

2.1. Etnofamília: PARA O OLHO E MAU-OLHADO

2.1.1. Etnogênero: OLHO GROSSO, OLHO GRANDE

2.1.1.1. Etnoespécie: ARRUDA (RUDA)

2.1.1.1.1. Etnosubespécie: ARRUDA: ARRUDA-MACHO (*Ruta chalepensis*); ARRUDA-FÊMEA (*Ruta graveolens*)

2.1.1.1.2. Etnosubespécie: RUDA (*Synadenium grantii*)

2.1.1.2. Etnoespécie: ESPADA-DE-SÃO-JORGE (*Sansevieria trifasciata*)

2.1.1.3. Etnoespécie: [FORTUNA] OLHO-GRANDE (*Kalanchoe blossfeldiana*)

2.1.2. Etnogênero: PRÁ SARAVÁ E MEDO DE OLHO

2.1.2.1. Etnoespécie: QUEBRA-TUDO (*Gomphrena elegans*)

2.1.2.2. Etnoespécie: ERVA-GUINÉ, GUINÉ (*Petiveria alliacea*)

3. Etnoclasse: REPELENTES

3.1. Etnofamília: ESPANTAR OS BICHOS

3.1.1. Etnogênero: oculto

3.1.1.1. Etnoespécie: RUDA (*Ruta chalepensis*)

3.1.1.2. Etnoespécie: CAMOMILA (*Matricaria recutita*)

3.1.1.3. Etnoespécie: ALHO

3.1.1.3.1. Etnosubespécie: ALHO (*Allium fistulosum*)

3.1.1.3.2. Etnosubespécie: [gengiva, ALHO-DE-CABEÇA, (*Allium fistulosum*)]

3.1.1.3.3. Etnosubespécie: ALHO-PORÓ (*Allium porrum*)

3.1.1.4. Etnoespécie: HORTELÃ (*Mentha spicata, Mentha* X *villosa*)

3.1.2. Etnogênero: INSETICIDA

3.1.2.1. Etnoespécie: TRÊS-MARIAS (*Bougainvillea spectabilis*)

4. Etnoclasse: PARA REMÉDIO

4.1. Etnofamília: CALMANTE, PROS NERVOS, PRÁ DORMIR

4.1.1. Etnogênero: ALECRIM (*Lavandula officinalis*)

4.1.1.1. Etnoespécie: ALECRIM-CLARO (calmante)

4.1.1.2. Etnoespécie: [tempero, ALECRIM-BRANCO]

4.1.2. Etnogênero: ALFACE (*Lactuca sativa*)

4.1.2.1. Etnoespécie: ALFACE-LISA

4.1.2.2. Etnoespécie: [salada, ALFACE-CRESPA]

4.1.3. Etnogênero: ANIS

4.1.3.1. Etnoespécie: AZULÃO (*Ocimum selloi*)

4.1.4. Etnogênero: CAMOMILA

4.1.4.1. Etnoespécie: CAMOMILA, MAÇANILHA (*Matricaria recutita*)

4.1.4.2. Etnoespécie: CAMOMILA-RAULIVERA (*Chrysanthemum parthenium*)

4.1.5. Etnogênero: CIDREIRA, CIDRÓ, CIDROZINHO

4.1.5.1. Etnoespécie: CIDREIRA-DE-FOLHINHA (*Salvia microphylla*)

4.1.5.2. Etnoespécie: CIDROZINHO, CIDREIRA-DE-ARVOREZINHA, CIDREIRA-DE-ÁRVORE, CIDRÓ-PESSEGUEIRO, ERVA-LUÍZA, ERVA-LUÍGIA (*Aloysia citriodora*)

4.1.5.3. Etnoespécie: CIDROZINHO (*Thymus serpyllum*)

4.1.5.4. Etnoespécie: CIDREIRA, ERVA-CIDREIRA, CAPIM-CIDRÓ (*Cymbopogon citratus*)

4.1.5.5. Etnoespécie: MELISSA

4.1.5.5.1. Etnosubespécie: MELISSA (*Melissa officinalis*)

4.1.5.5.2. Etnosubespécie: VERDADEIRA-MELISSA-CIDREIRA (*Nepeta cataria*)

4.1.6. Etnogênero: MARACUJÁ

4.1.6.1. Etnoespécie: MARACUJÁ-DOCE (*Passiflora alata*)

4.1.6.2. Etnoespécie: MARACUJÁ (*Passiflora edulis*)

4.1.7. Etnogênero: MARGARIDA

4.1.7.1. Etnoespécie: MARGARIDA (*Chrysanthemum leucanthemum*)

4.1.7.2. Etnoespécie: [pomada para varizes, MARGARIDA, MARGARIDINHA (*Chrysanthemum anethifolium*)]

4.1.7.3. Etnoespécie: [MARGARIDINHA-DO-MATO (*Chrysanthemum myconis*)]

4.2. Etnofamília: PARA MENOPAUSA

4.2.1. Etnogênero: oculto

4.2.1.1. Etnoespécie: BARDANA, BALDANA (*Arctium minus*)

4.2.1.2. Etnoespécie: BRÓCOLIS, BRÓCOLI, BRÓCULI (*Brassica oleracea* var. *italica*)

4.2.1.3. Etnoespécie: CALÊNDOLA

4.2.1.3.1. Etnosubespécie: CALÊNDULA (*Calendula officinalis*)

4.2.1.3.2. Etnosubespécie: [ornamental, CALÊNDULA-SIMPLES (*Chrysanthemum myconis*)]

4.2.1.3.3. Etnosubespécie: [ornamental, CALÊNDOLA (*Gaillardia pulchella*)]

4.2.1.4. Etnoespécie: ERVA-DE-BICHO (*Polygonum hydropiperoides, Polygonum punctatum*)

4.2.1.5. Etnoespécie: ERVA-DE-COLÉGIO, SUÇUIÁ (*Elephantophus mollis*)

4.2.1.6. Etnoespécie: HORMÔNIO-VEGETAL, RADICHA-HORMÔNIO (*Lactuca canadensis*)

4.3. Etnofamília: PARA REUMATISMO (FUMENTAÇÃO)

4.3.1. Etnogênero: CHAPÉU-DE-COURO (*Echinodorus grandiflorus*)

4.3.2. Etnogênero: CÂNFORA

4.3.2.1. Etnoespécie: ALCANFLOR, ALCANFOR, CANFOR, CÂNFORA-ALECRIM (*Artemisia alba*)

4.3.2.2. Etnoespécie: CÂNFORA (*Achillea millefolium*)

4.3.3. Etnogênero: PRIMAVERA

4.3.3.1. Etnoespécie: PRIMAVERA (*Catharanthus roseus, Brunfelsia brasiliensis*)

4.3.3.2. Etnoespécie: PRIMAVERA-DO-MATO (*Brunfelsia uniflora*)

4.4. Etnofamília: PARA COLESTEROL, AFINAR O SANGUE, LIMPEZA DO SANGUE, TIRAR A GORDURA DO SANGUE, SANGUE GROSSO, CIRCULAÇÃO DO SANGUE, PURIFICAR O SANGUE

4.4.1. Etnogênero: oculto

4.4.1.1. Etnoespécie: ALCACHOFRA (*Cynara scolymus*)

4.4.1.2. Etnoespécie: ALHO (*Allium fistulosum*)

4.4.1.3. Etnoespécie: CIPÓ-GATINHO (*Macfadyena unguis-cati*)

4.4.1.4. Etnoespécie: MILERRAMA (*Achillea millefolium*)

4.4.1.5. Etnoespécie: CANCOROSA, ESPINHEIRA-SANTA

4.4.1.5.1. Etnosubespécie: CANCEROSA, ESPINHEIRA-SANTA (*Maytenus ilicifolia*)

4.4.1.5.2. Etnosubespécie: CANCORROSA, ESPINHEIRA-SANTA (*Maytenus aquifolium*)

4.4.1.6. Etnoespécie: GERVÃO

4.4.1.6.1. Etnosubespécie: GERVÃO (*Stachytarpheta cayennensis*)

4.4.1.6.2. Etnosubespécie: [para tudo, GERVÃO (*Ocimum selloi*)]

4.4.1.6.3. Etnosubespécie: [GERVÃO (*Verbena litoralis*)]

4.4.1.7. Etnoespécie: GUANXUMA

4.4.1.7.1. Etnosubespécie: GUANXUMA-BRANCA (*Malvastrum coromandelianum*)

4.4.1.7.2. Etnosubespécie: [problemas da primeira dentição, febre e desarranjo dos bebês, GUANXUMA-ESCURA, GUANXUMA-COMUM (*Rosmarinus officinalis*)]

4.4.1.8. Etnoespécie: GUAVIROVA

4.4.1.8.1. Etnosubespécie: GUAVIROVA (*Campomanesia guazumifolia*)

4.4.1.8.2. Etnosubespécie: [diabete, GUAVIROVA (*Campomanesia xanthocarpa*)]

4.4.1.9. Etnoespécie: MANGERONA

4.4.1.9.1. Etnosubespécie: MANGERONA, MAJORANA (*Origanum* X *applii*)

4.4.1.9.2. Etnosubespécie: MANGERONA (*Origanum* aff. *vulgare*)

4.4.1.10. Etnoespécie: IPÊ

4.4.1.10.1. Etnosubespécie: IPÊ-ROXO (*Tabebuia heptaphylla*)

4.4.1.11. Etnoespécie: ALECRIM

4.4.1.11.1. Etnosubespécie: ALECRIM (*Rosmarinus officinalis*); [ALECRIM-ESCURO]

4.4.1.12. Etnoespécie: BOLDO (*Plectranthus barbatus*)

4.4.1.13. Etnoespécie: NOZEIRA (*Carya illinoinensis*)

4.4.1.14. Etnoespécie: SÁLVIA (*Salvia officinalis*)

4.4.1.15. Etnoespécie: SALSAPARRILHA (*Muehlenbeckia sagittifolia*)

4.4.1.16. Etnoespécie: SETE-SANGRIA (*Cuphea callophylla,Cuphea glutinosa*)

4.4.1.17. Etnoespécie: TRANSAGEM (*Plantago tomentosa*)

4.5. Etnofamília: PARA RIM E BEXIGA (CISTITE)

4.5.1. Etnogênero: oculto

4.5.1.1. Etnoespécie: ARNICA

4.5.1.1.1. Etnosubespécie: ARNIQUE, ARNICA (*Chaptalia nutans*)

4.5.1.1.2. Etnosubespécie: ARNICA, ERVA-DE-TAIO (*Gamochaeta spicata*)

4.5.1.2. Etnoespécie: ARTEMÍSIA

4.5.1.2.1. Etnosubespécie: ARTEMÍGIA, CATINGA-DE-MULATA (*Tanacetum vulgare*)

4.5.1.2.2. Etnosubespécie: [menstruação, ARTEMÍSIA (*Chrysanthemum parthenium*)]

4.5.1.3. Etnoespécie: BATATA-DOCE (*Ipomoea batatas*)

4.5.1.4. Etnoespécie: CARAMBOLA (*Averrhoa carambola*)

4.5.1.5. Etnoespécie: CARRAPICHO

4.5.1.5.1. Etnosubespécie: CARRAPICHO -DE-CARNEIRO, [para ovários, útero, tumores internos, CORDÃO-SANTO], CARDO-SANTO (*Silybum marianum*)

4.5.1.5.2. Etnosubespécie: CARRAPICHO-COMUM (*Xanthium strumarium*)

4.5.1.5.3. Etnosubespécie: CARRAPICHO-RASTEIRO (*Acanthospermum australe*)

4.5.1.6. Etnoespécie: CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)

4.5.1.7. Etnoespécie: ERVA-GUINÉ (*Petiveria alliacea*)

4.5.1.8. Etnoespécie: ERVA-ROXA (*Tradescantia pallida*)

4.5.1.9. Etnoespécie: LIMEIRA (*Citrus aurantifolia*)

4.5.1.10. Etnoespécie: MANGERONA (*Origanum* X *applii*)

4.5.1.11. Etnoespécie: ROSÁRIO-DE-NOSSA-SENHORA, MILHETO (*Coix lacryma-jobi*)

4.5.1.12. Etnoespécie: MILHO (*Zea mays*)

4.5.1.13. Etnoespécie: PALMINHA-SERENADA (*Tradescantia zebrina*)

4.5.1.14. Etnoespécie: PATA-DE-VACA (*Bauhinia forficata*)

4.5.1.15. Etnoespécie: PÊLO-DE-PORCO, CABELINHO-DE-PORCO (*Juncus capillaceus, Juncus bufonius, Eleocharis bonariensis*)

4.5.1.16. Etnoespécie: PICÃO (*Bidens pilosa*)

4.5.1.17. Etnoespécie: QUEBRA-PEDRA-VERDADEIRO

4.5.1.17.1. Etnosubespécie: QUEBRA-PEDRA-VERDADEIRO, QUEBRA-PEDRA-EM-RAMA (*Phyllanthus niruri*)

4.5.1.17.2. Etnosubespécie: QUEBRA-PEDRA-FALSO (*Phyllanthus niruri*)

4.5.1.17.3. Etnosubespécie: ANGIQUINHO (*Phyllanthus tenellus*)

4.5.1.17.4. Etnosubespécie: QUEBRA-PEDRA-RASTEIRO, QUEBRA-PEDRA-MIÚDO (*Euphorbia serpens*)

4.5.1.17.5. Etnosubespécie: QUEBRA-PEDRA-RASTEIRO, ERVA-POMBINHA (*Euphorbia prostata*)

4.5.1.18. Etnoespécie: SALSA (*Petroselinum crispum)*

4.6. Etnofamília: PARA GRIPE, TOSSE, DOR DE GARGANTA

4.6.1. Etnogênero: oculto

4.6.1.1. Etnoespécie: AGRIÃO (*Nasturtium officinale)*

4.6.1.2. Etnoespécie: ALFACE-LISA (*Lactuca sativa*)

4.6.1.3. Etnoespécie: ALHO (*Allium fistulosum*)

4.6.1.4. Etnoespécie: ANIS (*Ocimum selloi*)

4.6.1.5. Etnoespécie: ASPERINA (*Salvia microphylla*)

4.6.1.6. Etnoespécie: AVENCA

4.6.1.6.1. Etnosubespécie: AVENCA-GRANDE (*Adiantum pseudotinctum*); [prá bonito, AVENQUINHA-DA-GRAÚDA]

4.6.1.6.2. Etnosubespécie: AVENQUINHA-DA-MIÚDA (*Adiantum raddianum*)

4.6.1.7. Etnoespécie: BÁLSAMO

4.6.1.7.1. Etnosubespécie: BÁLSAMO-ALEMÃO (*Othonna cylindrica*)

4.6.1.7.2. Etnosubespécie: [para os olhos, BÁLSAMO-BRASILEIRO (*Sedum dendroideum*)]

4.6.1.8. Etnoespécie: BANANA (*Musa* X *paradisiaca*)

4.6.1.9. Etnoespécie: CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)

4.6.1.10. Etnoespécie: EUCALIPTO-CIDRÓ (*Eucalyptus citriodora*)

4.6.1.11. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare)*

4.6.1.12. Etnoespécie: GUACO (*Mikania glomerata*)

4.6.1.13. Etnoespécie: PONTO-ALÍVIO

4.6.1.13.1. Etnosubespécie: PONTO-ALÍVIO, PEITO-LIVRE (*Mentha spicata*)

4.6.1.13.2. Etnosubespécie: PONTO-ALÍVIO, HORTELÃ-MIUDINHA (*Mentha* X *villosa*)

4.6.1.14. Etnoespécie: LARANJA

4.6.1.14.1. Etnosubespécie: LARANJEIRA, LARANJEIRA-COMUM (*Citrus sinensis*)

4.6.1.14.2. Etnosubespécie: LARANJA-AZEDA, LARANJA-CIDRA (*Citrus maxima*)

4.6.1.15. Etnoespécie: LIMÃO

4.6.1.15.1. Etnosubespécie: LIMÃO (*Citrus reticulata*); [enjôo, limonada, fruta, LIMÃO-BERGAMOTA, LIMÃO-COMUM]

4.6.1.15.2. Etnoespécie: LIMÃO (*Citrus aurantifolia*); [caipirinha, fruta LIMÃO-TAITI]

4.6.1.16. Etnoespécie: PULMONÁRIA (*Stachys byzantina*)

4.6.1.17. Etnoespécie: SÁLVIA (*Salvia officinalis*)

4.6.1.18. Etnoespécie: POEJO (*Cunila microcephala, Cunila* aff. *menthiformis*)

4.7. Etnofamília: PARA FEBRE

4.7.1. Etnogênero: oculto
4.7.1.1. Etnoespécie: AMORINHA-DO-MATO (*Rubus brasiliensis*)
4.7.1.2. Etnoespécie: PENICILINA, TERRAMICINA (*Alternanthera dentata*)
4.7.1.3. Etnoespécie: ANADOR (*Alternanthera tenella*)
4.7.1.4. Etnoespécie: SALSA (*Petroselinum crispum*)
4.7.1.5. Etnoespécie: POEJO (*Cunila microcephala*)
4.7.1.6. Etnoespécie: CEBOLA (*Allium cepa*)
4.7.1.7. Etnoespécie: GUANXUMA-ESCURA (*Sida rhombifolia*)
4.7.1.8. Etnoespécie: TRANSAGEM (*Plantago major*)
4.7.1.9. Etnoespécie: CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)
4.8. Etnofamília: PARA CRIANÇA
4.8.1. Etnogênero: oculto
4.8.1.1. Etnoespécie: CAMAMILA (*Matricaria recutita*)
4.8.1.2. Etnoespécie: CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)
4.8.1.3. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare*)
4.8.1.4. Etnoespécie: PARIPAROBA (*Piper mikanianum*)
4.8.1.5. Etnoespécie: HORTELÃ

4.8.1.5.1. Etnosubespécie: HORTELÃ (*Mentha* X *rotundifolia Mentha* X *villosa*)
4.8.1.5.2. Etnosubespécie: PONTO-ALÍVIO (*Mentha spicata, Mentha* X *villosa*)
4.8.1.6. Etnoespécie: MANGERONA (*Origanum X applii, Origanum aff. vulgare*)
4.8.1.7. Etnoespécie: MELISSA (*Melissa officinalis, Nepeta cataria*)
4.9. Etnofamília: PARA FÍGADO, ESTÔMAGO (DIGESTÃO, INDIGESTÃO, GASTRITE)
4.9.1. Etnogênero: oculto
4.9.1.1. Etnoespécie: ALCACHOFRA (*Cynara scolymus*)
4.9.1.2. Etnoespécie: ALECRIM-ESCURO (*Rosmarinus officinalis*)
4.9.1.3. Etnoespécie: AMEIXA-AMARELA (*Eriobotrya japonica*)
4.9.1.4. Etnoespécie: ANIS (*Ocimum selloi*)
4.9.1.5. Etnoespécie: ARTEMÍSIA
4.9.1.5.1. Etnosubespécie: ARTEMÍSIA (*Chrysanthemum parthenium*)
4.9.1.5.2. Etnosubespécie: ARTEMÍGIA, CATINGA-DE-MULATA (*Tanacetum vulgare*)
4.9.1.6. Etnoespécie: BARDANA (*Arctium minus*)
4.9.1.7. Etnoespécie: BOLDO
4.9.1.7.1. Etnosubespécie: BOLDO (*Plectranthus barbatus*)
4.9.1.7.2. Etnosubespécie: BOLDO, ERVA-MILAGROSA (*Lippia alba*)
4.9.1.7.3. Etnosubespécie: BOLDO-DO-CHILE, BOLDINHO, BOLDO-RASTEIRO (*Plectranthus neochilus*)
4.9.1.7.4. Etnosubespécie: BOLDO-CHINÊS, BOLDO-DO-CHILE-LEGÍTIMO (*Vernonanthura condensata*)
4.9.1.7.5. Etnosubespécie: [para enxaqueca, BOLDO-BRASILEIRO (*Sedum dendroideum*)]
4.9.1.8. Etnoespécie: CAMOMILA
4.9.1.8.1. Etnosubespécie: MAÇANILHA (*Matricaria recutita*)
4.9.1.8.2. Etnosubespécie: CAMOMILA-RAULIVERA (*Chrysanthemum parthenium*)
4.9.1.9. Etnoespécie: COENTRO (*Coriandrum sativum*)
4.9.1.10. Etnoespécie: ERVA-CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)
4.9.1.11. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare*)
4.9.1.12. Etnoespécie: GARUPÁ (*Aloysia gratissima*)
4.9.1.13. Etnoespécie: GUANXUMA
4.9.1.13.1. Etnosubespécie: GUANXUMA-BRANCA (*Malvastrum coromandelianum*)
4.9.1.14. Etnoespécie: CARQUEJA
4.9.1.14.1. Etnosubespécie: CARQUEJA-BRANCA, CARQUEJINHA-BRANCA, CARQUEJINHA, CARQUEJINHA-MIÚDA (*Baccharis articulata*)
4.9.1.15. Etnoespécie: HORTELÃ
4.9.1.15.1. Etnosubespécie: HORTELÃ (*Mentha spicata, Melissa* officinalis, *Mentha* X *villosa*)
4.9.1.15.2. Etnosubespécie: HORTELÃ, LEVANTE (*Mentha* X *rotundifolia*)
4.9.1.16. Etnoespécie: INFALIVINA
4.9.1.16.1. Etnosubespécie: INFALIVINA (*Artemisia verlotorum*)
4.9.1.16.2. Etnosubespécie: INFALIVINA-DE-HORTA, MILERRAMA, MIL-RAMOS, MIL-EM-RAMA (*Achillea millefolium*)
4.9.1.17. Etnoespécie: JURUBEBA (*Solanum guaraniticum, Solanum paniculatum, Piper regnelli*)
4.9.1.18. Etnoespécie: LARANJA (*Citrus sinensis*)
4.9.1.18.1. Etnosubespécie: LARANJEIRA, LARANJEIRA-COMUM, LARANJA COMUM
4.9.1.18.2. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-CHORONA]
4.9.1.18.3. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DE-NATAL]
4.9.1.18.4. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DOCE]
4.9.1.18.5. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DO-CÉU]
4.9.1.18.6. Etnosubespécie: [suco, fruta, LARANJA-DE-UMBIGO]
4.9.1.18.7. Etnosubespécie: [suco, fruta, gripe, LARANJA-DE-TODO-ANO, LARANJA-TODO-ANO]
4.9.1.18.8. Etnosubespécie: [fruta; LARANJA-VALÊNCIA, LARANJA-VALENÇA]
4.9.1.19. Etnoespécie: LOSNA (*Artemisia absinthium*)
4.9.1.20. Etnoespécie: MARCELA (*Achyrocline satureioides*)

4.9.1.21. Etnoespécie: MELISSA (*Melissa officinalis*)
4.9.1.22. Etnoespécie: PESSEGUEIRO (*Prunus persica*)
4.9.1.23. Etnoespécie: POEJO (*Cunila microcephala)*
4.9.1.24. Etnoespécie: QUATRO-QUINA, ERVA-DE-QUATRO-QUINAS (*Verbena litoralis*)
4.9.1.25. Etnoespécie: QUITOCO (*Pterocaulon polystachyum*)
4.9.1.26. Etnoespécie: TRANSAGEM
4.9.1.26.1. Etnosubespécie: TRANSAGEM (*Plantago australis*)
4.9.1.26.2. Etnosubespécie: TANSAGEM-VERDADEIRA, TANSAGEM (*Plantago major*)
4.10. Etnofamília: PARA INTESTINO (DOR DE BARRIGA, CÓLICA, GASES, VENTO)
4.10.1. Etnogênero: oculto
4.10.1.1. Etnoespécie: ENDRO (*Coriandrum sativum*)
4.10.1.2. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare*)
4.10.1.3. Etnoespécie: CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)
4.10.1.4. Etnoespécie: MANGERONA (*Origanum aff. vulgare, Origanum* X *applii*)
4.11. Etnofamília: PARA HEMORRÓIDAS (MORÓIDE)
4.11.1. Etnogênero: oculto
4.11.1.1. Etnoespécie: ARNICA (*Chaptalia nutans)*
4.11.1.2. Etnoespécie: ERVA-DE-BICHO, PIMENTA-DO-BANHADO
4.11.1.2.1. Etnosubespécie: ERVA-DE-BICHO (*Polygonum punctatum, Polygonum hydropiperoides*)
4.11.1.2.2. Etnosubespécie: PIMENTA-DO-BANHADO (*Polygonum persicaria, Polygonum hydropiperoides*)
4.11.1.3. Etnoespécie: GRAMA-DE-JARDIM (*Stenotaphrum secundatum*)
4.11.1.4. Etnoespécie: LOURO, LORO (*Laurus nobilis*)
4.11.1.5. Etnoespécie: oculta (*Dicliptera sp.*)
4.12. Etnofamília: PARA CABELO
4.12.1. Etnogênero: oculto
4.12.1.1. Etnoespécie: BABOSA
4.12.1.1.1. Etnosubespécie: BABOSA-DA-FOLHA-ESTREITA, BABOSA-LISA, BABOSA-VERDADEIRA, (*Aloe arborescens*); [chá, BABOSA-DA-LEGÍTIMA]
4.12.1.1.2. Etnosubespécie: BABOSA-DA-FOLHA-LARGA, BABOSA-PINTADINHA, BABOSA-COM-PINTA, BABOSA-COM-MANCHA (*Aloe obscura*)
4.12.1.1.3. Etnosubespécie: [câncer, feridas, queimadura, salada, BABOSA (*Aloe vera*)]
4.13. Etnofamília: VERMES, BICHA
4.13.1. Etnogênero: oculto
4.13.1.1. Etnoespécie: ASSA-PEIXE, MATA-PASTO (*Vernonanthura tweediana*)
4.13.1.2. Etnoespécie: ASSÍNCIO (*Artemisia absinthium*)
4.13.1.3. Etnoespécie: MAMÃO (*Carica papaya*)
4.13.1.4. Etnoespécie: TAJUJÁ (*Cayaponia bonariensis*)
4.13.1.5. Etnoespécie: GIRANO; [GERÂNIO]
4.13.1.5.1. Etnosubespécie: GIRANO-BRANCO (*Pelargonium* X *hortorum*)
4.13.1.5.2. Etnosubespécie: GIRANO-VERMELHO (*Pelargonium* X *hortorum*)
4.13.1.6. Etnoespécie: HORTELÃ (*Mentha* X *rotundifolia, Mentha* X *spicata, Mentha* X *villosa*)
4.13.1.7. Etnoespécie: ALHO (*Allium fistulosum, Allium sativum,*
4.13.1.8. Etnoespécie: ARRUDA (*Ruta chalepensis, Ruta graveolens*)
4.14. Etnofamília: ANTIBIÓTICO
4.14.1. Etnogênero: ANADOR
4.14.1.1. Etnoespécie: ANADOR (*Alternanthera dentata*); [cicatrizante, feridas, machucados, gripe, tosse, uso como penicilina, PENICILINA; febre, TERRAMICINA; dor, dor-de-cabeça, MELHORAL]
4.14.1.2. Etnoespécie: [dor-de-cabeça, febre, ANADOR, BICO-DE-PAPAGAIO (*Alternanthera tenella*)]
4.14.2. Etnogênero: ARNICA, TRANSAGEM
4.14.2.1. Etnoespécie: ARNIQUE (*Chaptalia nutans*); [inflamação, BALDRÃO]
4.14.2.2. Etnoespécie: BALDANA (*Arctium minus*)
4.14.2.3. Etnoespécie: TRANSAGEM
4.14.2.3.1. Etnosubespécie: TRANSAGEM (*Plantago australis*); [ARNICA]
4.14.2.3.2. Etnosubespécie: TRANSAGEM-GRANDE, TRANSAGEM, TANSAGEM, TRANSAGE (*Plantago major*)
4.14.2.3.3. Etnosubespécie: TRANSAGEM-COMUM, TRANSAGEM, TANSAGEM (*Plantago tomentosa*)
4.14.3. Etnogênero: oculto
4.14.3.1. Etnoespécie: CALÊNDOLA
4.14.3.1.1. Etnosubespécie: CALÊNDOLA (*Calendula officinalis*)
4.14.3.1.2. Etnosubespécie: CALÊNDULA-SIMPLES (*Chrysanthemum myconis*)
4.14.3.2. Etnoespécie: CARRAPICHO
4.14.3.2.1. Etnosubespécie: CARRAPICHO-COMUM (*Xanthium strumarium*)
4.14.3.3. Etnoespécie: CEBOLA (*Allium cepa*)
4.14.3.4. Etnoespécie: CONFREI (*Symphytum officinale*)
4.14.3.5. Etnoespécie: MALVA
4.14.3.5.1. Etnosubespécie: MALVA (*Malva parviflora*)
4.14.3.5.2. Etnosubespécie: [antinflamatório, MALVA-DE-JARDIM (*Malva sylvestris*)]
4.14.3.6. Etnoespécie: MIL-EM-RAMA, MILIRRAMO (*Achillea millefolium*)
4.14.3.7. Etnoespécie: PICÃO, PICON (*Bidens pilosa*)
4.14.3.8. Etnoespécie: GENGIBRE

(*Hedychium coronarium*)

4.15. Etnofamília: PARA DOR

4.15.1. Etnogênero: ANADOR

4.15.1.1. Etnoespécie: ANADOR, MELHORAL (*Alternanthera dentata*)

4.15.1.2. Etnoespécie: ANADOR, BICO-DE-PAPAGAIO (*Alternanthera tenella*)

4.15.1.3. Etnoespécie: CAMOMILA, CAMAMILA, MAÇANILHA (*Matricaria recutita*)

4.15.2. Etnogênero: oculto

4.15.2.1. Etnoespécie: CÂNFORA (*Achillea millefolium, Artemisia alba*)

4.15.2.2. Etnoespécie: CAPIM-CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)

4.15.2.3. Etnoespécie: INSULINA (*Sphagneticola trilobata*)

4.16. Etnofamília: PARA FERIDAS (CICATRIZANTE)

4.16.1. Etnogênero: oculto

4.16.1.1. Etnoespécie: ARNICA

4.16.1.1.1. Etnosubespécie: ARNICA-DO-MATO (*Chaptalia nutans*); [hemorróidas, ÁRNIQUE],

4.16.1.1.2. Etnosubespécie: ERVA-DE-TAIO (*Gamochaeta spicata*)

4.16.1.2. Etnoespécie: BABOSA

4.16.1.2.1. Etnosubespécie: BABOSA (*Aloe arborescens*); [BABOSA-DA-FOLHA-ESTREITA, BABOSA-VERDADEIRA]

4.16.1.2.2. Etnosubespécie: BABOSA (*A.obscura*); [BABOSA-DA-FOLHA-LARGA]

4.16.1.2.3. Etnosubespécie: BABOSA (*A.vera*)

4.16.1.3. Etnoespécie: CALÊNDOLA

4.16.1.3.1. Etnosubespécie: CALÊNDOLA (*Calendula officinalis*)

4.16.1.3.2. Etnosubespécie: CALÊNDULA-SIMPLES (*Chrysanthemum myconis*)

4.16.1.4. Etnoespécie: CARVALHINHO (*Casearia sylvestris*)

4.16.1.5. Etnoespécie: CIPÓ-DE-MONJO (*Piper amalago*)

4.16.1.6. Etnoespécie: CONFREI (*Symphytum officinale*)

4.16.1.7. Etnoespécie: ERVA-DE-BICHO (*Polygonum punctatum*)

4.16.1.8. Etnoespécie: ERVA-SANTA

4.16.1.8.1. Etnosubespécie: ERVA-SANTA, ERVA-SANTA-MARIA (*Baccharidastrum triplinervium*)

4.16.1.8.2. Etnosubespécie: ERVA-SANTANA (*Chromolaena laevigata*)

4.16.1.8.3. Etnosubespécie: [faxina no organismo, ERVA-SANTA-MARIA; limpa o sangue, ESPINHEIRA-SANTA (*Maytenus ilicifolia*)]

4.16.1.8.4. Etnosubespécie: [limpa, purifica o sangue, ESPINHEIRA-SANTA, ESPINHEIRA (*Maytenus aquifolium*)]

4.16.1.9. Etnoespécie: MERCÚRIO, IODO, IODO VEGETAL (*Chelidonium majus*)

4.16.1.10. Etnoespécie: MALVA (*Malva parviflora*)

4.16.1.11. Etnoespécie: PARIPAROBA (*Piper mikanianum*)

4.16.1.12. Etnoespécie: PICÃO (*Bidens pilosa*)

4.16.1.13. Etnoespécie: ARNICA, TRANSAGEM

4.16.1.13.1. Etnosubespécie: TRANSAGEM (*Plantago australis*); [ARNICA]

4.16.1.13.2. Etnosubespécie: TRANSAGEM (*Plantago major*); [TRANSAGEM-GRANDE]

4.16.1.13.3. Etnosubespécie: TRANSAGEM (*Plantago tomentosa*); [TRANSAGEM-COMUM]

4.17. Etnofamília: PARA O CÂNCER

4.17.1. Etnogênero: oculto

4.17.1.1. Etnoespécie: BABOSA

4.17.1.1.1. Etnosubespécie: BABOSA (*Aloe arborescens*); [BABOSA-VERDADEIRA]

4.17.1.1.2. Etnosubespécie: BABOSA (*Aloe vera*)

4.17.1.2. Etnoespécie: PLANTINHA-MILAGROSA, DEDINHO-DE-NOSSA-SENHORA, PAU-PELADO (*Euphorbia tirucalli*)

4.17.1.3. Etnoespécie: CANCOROSA

4.17.1.3.1. Etnosubespécie: CANCOROSA (*Maytenus ilicifolia*)

4.17.1.3.2. Etnosubespécie: [estimulante biliar, digestivo, limpa, purifica o sangue; CANCAROSA,CANCORROSA (*Maytenus aquifolium*)]

4.17.1.4. Etnoespécie: SAÚDE-DA-MULHER, SAÚDE-DE-MULHER (*Abutilon grandifolium*)

4.17.1.5. Etnoespécie: TRANSAGEM (*Plantago tomentosa*)

4.17.1.6. Etnoespécie: CORDÃO SANTO (*Silybum marianum*)

4.17.1.7. Etnoespécie: URUTUM; [MUCURÃ]

4.18. Etnofamília: PARA DIABETES (É INSULINA, CONTÊM INSULINA)

4.18.1. Etnogênero: oculto

4.18.1.1. Etnoespécie: CARAMBOLA (*Averrhoa carambola*)

4.18.1.2. Etnoespécie: ERVA-DE-BOTÃO, ERVA-PEDREIRA (*Richardia brasiliensis*)[

4.18.1.3. Etnoespécie: NOZ-MOSCADA (*Alpinia zerumbet*)

4.18.1.4. Etnoespécie: GUAVIROVA

4.18.1.4.1. Etnosubespécie: SETE-CAPOTA (*Campomanesia guazumifolia*); [colesterol, pulmão, sangue, GUAVIROVA]

4.18.1.4.2. Etnosubespécie: GUAVIROVA (*Campomanesia xanthocarpa*)

4.18.1.5. Etnoespécie: JAMBOLÃO

4.18.1.5.1. Etnosubespécie: JAMBOLÃO, JAMBOLON (*Syzygium cumini*)

4.18.1.5.2. Etnosubespécie: JAMBOLÃO, JOMBOLÃO (*Syzygium jambos*)

4.18.1.6. Etnoespécie: LIMEIRA (*Citrus aurantifolia*); [LIMA]

4.18.2. Etnogênero: INSULINA

4.18.2.1. Etnoespécie: INSULINA (*Cissus verticillata*); [sangue, UVA-DO-MATO, UNHA-DE-GATO]

4.18.2.2. Etnoespécie: [para dor, INSULINA (*Sphagneticola trilobata*)]

4.19. Etnofamília: PARA MEMÓRIA
4.19.1. Etnogênero: oculto
4.19.1.1. Etnoespécie: TIRIRICA, BIBI (*Cyperus esculentus, C.iria, C.rotundus*)
5. Etnoclasse: ALIMENTAÇÃO PARA ANIMAIS
5.1. Etnofamília: ALIMENTAÇÃO PARA PORCOS
5.1.1. Etnogênero: oculto
5.1.1.1. Etnoespécie: CARURU (*Amaranthus lividus*)
5.1.1.2. Etnoespécie: BOLDOEGA, ERVA-GORDA (*Portulaca oleracea*)
5.1.1.3. Etnoespécie: CELGA (*Beta vulgaris* var. *cicla*)
6. Etnoclasse: PRÁ COMER, COMIDA, ALIMENTAÇÃO
6.1. Etnofamília: oculta
6.1.1. Etnogênero: FRUTA
6.1.1.1. Etnoespécie: ROMÃ (*Punica granatum*)
6.1.1.2. Etnoespécie: PARREIRA, UVA-BRANCA (*Vitis vinifera*)
6.1.1.3. Etnoespécie: AMORA (*Morus nigra*)
6.1.1.4. Etnoespécie: BANANA (*Musa* X *paradisiaca*)
6.1.1.5. Etnoespécie: ARAÇÁ (*Psidium cattleianum*)
6.1.1.6. Etnoespécie: GOIABA, GOIABEIRA (*Psidium guajava*)
6.1.1.6.1. Etnosubespécie: [diarréia, desarranjo, GOIABA-GRANDE]
6.1.1.7. Etnoespécie: MANGA (*Mangifera indica*)
6.1.1.8. Etnoespécie: MARMELO (*Cydonia oblonga*)
6.1.1.9. Etnoespécie: JABUTICABA (*Plinia trunciflora*)
6.1.1.10. Etnoespécie: AMEIXA (*Eriobotrya japonica*)
6.1.1.11. Etnoespécie: MORANGO, MORANGUINHO (*Fragaria* X *ananassa*)
6.1.1.12. Etnoespécie: PEREIRA (*Pyrus communis*)
6.1.1.13. Etnoespécie: PÊSSEGO, PESSEGUEIRO (*Prunus persica*)
6.1.1.14. Etnoespécie: LARANJA
6.1.1.14.1. Etnosubespécie: LARANJEIRA, LARANJEIRA-COMUM, LARANJA COMUM (*Citrus sinensis*)
6.1.1.14.2. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-CHORONA (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.3. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DE-NATAL (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.4. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DOCE (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.5. Etnosubespécie: [suco, LARANJA-DO-CÉU (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.6. Etnosubespécie: [suco, fruta, LARANJA-DE-UMBIGO (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.7. Etnosubespécie: [suco, fruta, gripe, LARANJA-DE-TODO-ANO, LARANJA-TODO-ANO (*Citrus sinensis*)]
6.1.1.14.8. Etnosubespécie: [alimentação em geral, fruta, LARANJA-VALÊNCIA, LARANJA-VALENÇA]
6.1.1.14.9. Etnosubespécie: [prá gripe, LARANJA-AZEDA, LARANJA-CIDRA (*Citrus maxima*)]
6.1.1.14.10. Etnosubespécie: [doce, LARANJINHA (*Fortunella japonica, Fortunella margarita*); TANGERINA (*Fortunella margarita*)]
6.1.1.15. Etnoespécie: LIMA, LIMEIRA (*Citrus aurantifolia*)
6.1.1.16. Etnoespécie: LIMÃO
6.1.1.16.1. Etnosubespécie: LIMÃO-TAITI (*Citrus aurantifolia*)
6.1.1.16.2. Etnosubespécie: LIMÃO-BERGAMOTA, LIMÃO-COMUM (*Citrus reticulata*)
6.1.1.16.3. Etnosubespécie: [suco, refresco, LIMÃO, *Citrus limon*]
6.1.1.17. Etnoespécie: BERGAMOTA, BERGAMOTEIRA (*Citrus reticulata*); [para pressão, VERGAMOTA, VERGAMOTEIRA]
6.1.1.17.1. Etnosubespécie: BERGAMOTA-CACHAÇA
6.1.1.17.2. Etnosubespécie: BERGAMOTA-PONCAN
6.1.1.18. Etnoespécie: FRUTA-DO-CONDE
6.1.1.18.1. Etnosubespécie: ARATICU, ARATICUM (*Rollinia mucosa, Rollinia salicifolia*)
6.1.1.18.2. Etnosubespécie: FRUTA-DO-CONDE (*Rollinia sylvatica*)
6.1.1.19. Etnoespécie: ALCACHOFRA (*Cynara scolymus*)
6.1.1.20. Etnoespécie: ABACAXI (*Ananas comosus*)
6.1.1.21. Etnoespécie: MAMÃO, MAMÃO-MACHO (*Carica papaya*)
6.1.1.22. Etnoespécie: MELANCIA (*Citrullus lanatus*)
6.1.1.23. Etnoespécie: MELÃO (*Cucumis melo*)
6.1.1.24. Etnoespécie: CHUCHU (*Sechium edule*)
6.1.1.25. Etnoespécie: DAMASCO (*Bunchosia argentea*)
6.1.1.26. Etnoespécie: PITANGUEIRA (*Eugenia uniflora*)
6.1.1.27. Etnoespécie: ACEROLA (*Malpiguia glabra*)
6.1.1.28. Etnoespécie: FIGO (*Ficus carica*); [doce, FIGUEIRA]
6.1.1.29. Etnoespécie: CAQUI,CAQUEIRO (*Diospyros kaki*)
6.1.1.30. Etnoespécie: NOGUEIRA (*Carya illinoinensis*); [NOZ, NOZEIRA, NOZES]
6.1.1.31. Etnoespécie: MARACUJÁ
6.1.1.31.1. Etnosubespécie: MARACUJÁ-DOCE (*Passiflora alata*)
6.1.1.31.2. Etnosubespécie: MARACUJÁ (*Passiflora edulis*)
6.1.2. Etnogênero: oculto
6.1.2.1. Etnoespécie: ABÓBORA
6.1.2.1.1. Etnosubespécie: ABÓBORA (*Cucurbita moschata, Cucurbita pepo*)

6.1.2.1.2. Etnosubespécie: ABOBRINHA (*Cucurbita moschata*)
6.1.2.2. Etnoespécie: MORANGA
6.1.2.2.1. Etnosubespécie: MORANGA (*Cucurbita maxima, Cucurbita moschata. Cucurbita pepo*)
6.1.2.2.2. Etnosubespécie: MORANGA-CABÓDIA (*Cucurbita pepo*)
6.1.2.2.3. Etnosubespécie: MORANGA-JAPONESA (*Cucurbita pepo*)
6.1.2.2.4. Etnosubespécie: MORANGA-DE-TRONCO (*Cucurbita pepo*)
6.1.2.2.5. Etnosubespécie: MORANGO (*Cucurbita pepo*)
6.2. Etnofamília: DOCES, GELÉIA, CHIMIA
6.2.1. Etnogênero: oculto
6.2.1.1. Etnoespécie: MAMÃO (*Carica papaya*)
6.2.1.2. Etnoespécie: MARMELO (*Cydonia oblonga*)
6.2.1.3. Etnoespécie: CANELA (*Cinnamomum zeylanicum*)
6.2.1.4. Etnoespécie: ROMÃO (*Punica granatum*)
6.2.1.5. Etnoespécie: NOZ (*Carya illinoinensis*)
6.2.1.6. Etnoespécie: DAMASCO (*Bunchosia argentea*)
6.3. Etnofamília: PARA SALADAS
6.3.1. Etnogênero: oculto
6.3.1.1. Etnoespécie: AGRIÃO (*Nasturtium officinale*)
6.3.1.2. Etnoespécie: ALFACE
6.3.1.2.1. Etnosubespécie: ALFACE-CRESPA (*Lactuca sativa*)
6.3.1.3. Etnoespécie: BABOSA (*Aloe vera*)
6.3.1.4. Etnoespécie: BETERRABA (*Beta vulgaris* var. *vulgaris*)
6.3.1.5. Etnoespécie: BRÓCOLIS (*Brassica oleracea* var. *italica*)
6.3.1.6. Etnoespécie: CHUCHU
6.3.1.6.1. Etnosubespécie: CHUCHU-GRANDE (*Sechium edule*)
6.3.1.7. Etnoespécie: COUVE (*Brassica oleracea* var. *acephala*)
6.3.1.7.1. Etnosubespécie: [sopa, COUVE-AMARELA]
6.3.1.7.2. Etnosubespécie: [sopa, COUVE-ROXA]
6.3.1.8. Etnoespécie: COUVE-FLOR (*Brassica oleracea* var. *botrytis*)
6.3.1.9. Etnoespécie: FEIJÃO
6.3.1.9.1. Etnosubespécie: FEIJÃO-DE-VAGEM (*Phaseolus vulgaris*)
6.3.1.10. Etnoespécie: MENSTRUÇO (*Coronopus didymus*)
6.3.1.11. Etnoespécie: PIMENTÃO-COMPRIDO, PIMENTÃO-DOCE (*Capsicum annuum*)
6.3.1.12. Etnoespécie: RABANETE (*Raphanus sativus*)
6.3.1.13. Etnoespécie: RADICHA
6.3.1.13.1. Etnosubespécie: RADICHA, RADITI, ALMERÃO, CHICÓRIA (*Cichorium intybus*)
6.3.1.13.2. Etnosubespécie: RADICHA-DO-MATO, ALMEIRÃO-DO-MATO (*Hypochaeris brasiliensis*)
6.3.1.13.3. Etnosubespécie: RADICHA-AMARGA (*Taraxacum officinale*)
6.3.1.13.4. Etnosubespécie: RADICHA-DO-PAPA, RADICHA-ITALIANA, RADICHA-GRANDE (*Lactuca canadensis*)
6.3.1.14. Etnoespécie: RÚCULA (*Eruca sativa*)
6.3.1.15. Etnoespécie: VAGE-DE-METRO (*Vigna luteola*)
6.3.2. Etnogênero: oculto
6.3.2.1. Etnoespécie: ESPINAFRE (*Tetragonia tetragonoides*)
6.3.2.2. Etnoespécie: ORA-PRO-NÓBIS (*Pereskia aculeata*)
7. Etnoclasse: PARA DAR GOSTO, TEMPERO
7.1. Etnofamília: oculto
7.1.1. Etnogênero: NA COMIDA
7.1.1.1. Etnoespécie: ALHO
7.1.1.1.1. Etnosubespécie: ALHO-MACHO (*Allium ampeloprasum*)
7.1.1.1.2. Etnosubespécie: ALHO (*Allium sativum*); [ALHO-LOUCO]
7.1.1.1.3. Etnosubespécie: ALHO-PORÓ (*Allium porrum*)
7.1.1.2. Etnoespécie: AIPO, SALSÃO (*Apium sellowianum*)
7.1.1.3. Etnoespécie: CEBOLA
7.1.1.3.1. Etnosubespécie: CEBOLINHA (*Allium cepa, Allium fistulosum, Allium schoenoprasum*)
7.1.1.3.2. Etnosubespécie: CEBOLINHA, CEBOLINHA-MIÚDA-DE-TODO-ANO (*Allium schoenoprasum*)
7.1.1.3.3. Etnosubespécie: CEBOLINHA, CEBOLINHA-GRANDE (*Allium fistulosum*)
7.1.1.3.4. Etnosubespécie: CEBOLA-DE-TODO-ANO, CEBOLINHA-DE-TODO-ANO, CEBOLINHA-VERDE (*Allium fistulosum, Allium cepa*)
7.1.1.4. Etnoespécie: COENTRO (*Coriandrum sativum*)
7.1.1.5. Etnoespécie: CANELEIRA, CANELA (*Cinnamomum zeylanicum*)
7.1.1.6. Etnoespécie: CONFREI (*Symphytum officinale*)
7.1.1.7. Etnoespécie: HORTELÃ
7.1.1.7.1. Etnosubespécie: HORTELÃ (*Mentha* X *villosa*)
7.1.1.7.2. Etnosubespécie: HORTELÃ, HORTELÃ-COMESTÍVEL, MANGERICÃO, QUIBI (*Ocimum americanum)*
7.1.1.7.3. Etnosubespécie: HORTELÃ (*Mentha* X *spicata*); [HORTELÃ-MIUDINHA]
7.1.1.8. Etnoespécie: LIMÃO
7.1.1.8.1. Etnosubespécie: LIMÃO-CIDRA (*Citrus limon*)
7.1.1.8.2. Etnosubespécie: LIMÃO (*Citrus reticulata*)
7.1.1.9. Etnoespécie: LOURO, LORO (*Laurus nobilis*)
7.1.1.10. Etnoespécie: ORÉGANO
7.1.1.10.1. Etnosubespécie: ORÉGANO

(*Thymus vulgaris*)

7.1.1.10.2. Etnosubespécie: [ORÉGANO (*Thymus serpyllum*)]

7.1.1.11. Etnoespécie: MOSTARDA (*Brassica nigra*)

7.1.1.12. Etnoespécie: PIMENTA, PIMENTÃO

7.1.1.12.1. Etnosubespécie: PIMENTÃO-DO-BRABO (*Capsicum annuum*)

7.1.1.12.2. Etnosubespécie: [alimentação, PIMENTÃO, PIMENTA-BRABA (*Capsicum baccatum*)]

7.1.1.12.3. Etnosubespécie: [PIMENTÃO-DE-JARDIM (*Capsicum chinense*)]

7.1.1.13. Etnoespécie: SALSINHA (*Petroselinum crispum*)

7.1.1.14. Etnoespécie: SÁLVIA (*Salvia officinalis*)

7.1.1.15. Etnoespécie: MANGERONA

7.1.1.15.1. Etnosubespécie: MAJORANA, MANGERONA-DA-FOLHA-GRANDE, MANGERONA-GRAÚDA (*Origanum* X *applii*)

7.1.1.15.2. Etnosubespécie: MANGERONA (*Origanum* sp.)

7.1.1.15.3. Etnosubespécie: MANGERONA-DA-FOLHA-MIÚDA, MANGERONA-MIÚDA (*Origanum* aff.*vulgare*)

7.1.1.16. Etnoespécie: ALECRIM

7.1.1.16.1. Etnosubespécie: ALECRIM-BRANCO (*Lavandula officinalis*)

7.1.1.16.2. Etnosubespécie: ALECRIM-ESCURO (*Rosmarinus officinalis*)

7.1.2. Etnogênero: NO PÃO

7.1.2.1. Etnoespécie: ENDRO (*Anethum graveolens*)

7.1.2.2. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare*)

7.1.3. Etnogênero: NO VINAGRE

7.1.3.1. Etnoespécie: UVA (*Vitis vinifera*)

7.1.3.2. Etnoespécie: CREM, RAIZ-FORTE (*Armoracia lapathifolia*)

7.1.4. Etnogênero: NO CHIMARRÃO

7.1.4.1. Etnoespécie: CIDREIRA

7.1.4.1.1. Etnosubespécie: CIDREIRA-DE-FOLHINHA (*Salvia microphylla*)

7.1.4.1.2. Etnosubespécie: CIDROZINHO (*Aloysia citriodora*)

7.1.4.1.3. Etnosubespécie: ERVA-CIDREIRA (*Cymbopogon citratus*)

7.1.4.2. Etnoespécie: ERVA-DA-COLÔNIA (*Aloysia gratissima*)

7.1.4.3. Etnoespécie: AZULÃO, GERVÃO (*Ocimum selloi*)

7.1.4.4. Etnoespécie: FUNCHO (*Foeniculum vulgare*)

7.1.4.5. Etnoespécie: HORTELÃ (*Mentha* X *rotundifolia, Mentha* X *villosa*)

7.1.4.6. Etnoespécie: MELISSA

7.1.4.6.1. Etnosubespécie: MANGERICÃO, MELISSA (*Ocimum americanum*)

7.1.4.6.2. Etnosubespécie: MELISSA (*Melissa officinalis*)

Os seguintes nomes populares não foram ajustados nos agrupamentos propostos: árvore-perfumada, aspargo, aspargo-italiano, aspargo-legítimo, batata-inglesa, begônia-azeda, begônia-são-joão, beijo, beringela, bibi, boldoega, bolsa-de-pastor, bromélia, buba, cactus, café, cana-de-açúcar, cana-do-brejo, capuchinho, carne-vegetal, caro, cartucho, cavalinha, cenora, cerejera, coloral, crisântemo, crista-de-cardeal, crista-de-galo, dália, dedinho-de-deus, dinheirinho, dólar, dorme-dorme, erva-de-sapateiro, erva-mate, ervilha, esfregão, flamboiã, flor-de-maio, framboesa, hortênsia, inhame, lágrima-de-cristo, mandioca, nó-de-cachorro, oliveira, pacová, pega-pega-rasteiro, pepino, perna-de-moça, quiabo, recaída, rosa, roseira, roseira-branca, tiririca, tomate, tomate-de-árvore, tomate-gaúcho, tomate-rastero-todo-ano, trapoeiraba, trevinho-quatro-folhas, trombas, urtigão-do-mato, vage, vage-chata, vagem, vassoura, veludinho, vermelhão, viola, violeta. Verificou-se que a inclusão de um maior número de etnoespécies no sistema não melhora sua resolução porque há um grande número de etnogêneros ocultos devido a não compreensão das relações internas às etnofamílias e das etnoespécies entre si.

TABELA 2: números de etnofamílias (Etnof), etnogêneros (Etnog), etnoespécies (Etnosp), etnosubepécies (Etnosubs) e respectivas categorias ocultas (EtnofOc, EtnogOc, EtnospOc) obtidas por etnoclasse (Etnocl):

Etnocl	Etnof	Etnog	Etnosp	Etnosubs	EtnofOc	EtnogOc	EtnospOc
Planta-de- jardim	1	1	10	0	0	1	0
Olho	1	2	5	2	0	0	0
Repelente	1	2	5	3	0	1	0
Para remédio	19	31	189	103	0	16	1
Alimentação para animais	1	1	3	0	0	1	0
Para comer...	3	5	56	36	1	4	0
Para dar gosto...	1	9	26	27	0	0	0
TOTAL	25	50	293	171	0	22	1

III. Nomenclatura popular:

Identificação das etnoespécies e demais táxons: a seguir, apresenta-se a classificação das fitonímias encontradas, incluindo discussão a respeito:

Etno-sinônimos:

1. Etno-sinônimos falsos:

1.1. Complementares: ex: para *Aloe arborescens*, as formas babosa-verdadeira, babosa-da-legítima, babosa-lisa, babosa-da-folha-estreita são consideradas sinônimos, usadas para diferenciá-la de *Aloe obscura* nos casos em que o informante conhece as duas. Entretanto, na ausência da necessidade de diferenciação, excluem-se os qualificativos e é utilizado apenas babosa. *A. obscura*, por sua vez, é denominada babosa-com-pinta, babosa-da-folha-larga, babosa-pintadinha ou babosa-com-mancha para diferenciar da anterior. Outros exemplos: alecrim, alecrim-escuro, alecrim-de-jardim: *Rosmarinus officinalis*; alecrim-branco, alecrim-claro: *Lavandula officinalis*; alho, alho-de-cabeça: *Allium fistulosum*; alho, alho-louco: *Allium sativum*; ameixa, ameixa-amarela: *Eriobotrya japonica*; arnica, arnica-do-mato: *Chaptalia nutans*; arruda, arruda-fêmea: *Ruta graveolens*; arruda, arruda-macho: *Ruta chalepensis* ;aspargo, aspargo-legítimo, aspargo-italiano: *Asparagus officinalis*; boldo, boldo-chinês, boldo-do-chile-legítimo: *Vernonanthura condensata*; boldo, boldo-do-chile, boldo-rasteiro: *Plectranthus neochilus*, calêndula, calendula-simples: *Chrysanthemum myconis*; cânfora, cânfora-alecrim: *Artemisia alba*; carqueja, carqueja-branca: *Baccharis articulata*; carquejinha, carquejinha-branca, carquejinha-miúda: *Baccharis articulata*; carrapicho, carrapicho-comum: *Xanthium strumarium*; cebola, cebola-de-todo-ano: *Allium cepa*; cebola, cebola-de-todo-ano: *Allium fistulosum*; cebola, cebola-de-todo-ano: *Allium schoenoprasum*; cidreira, cidreira-de-arvorezinha: *Aloysia citriodora*; cidró, cidró-pessegueiro: *Aloysia citriodora*; espinheira, espinheira-santa: *Maytenus aquifolium*; girano, girano-branco, girano-vermelho: *Pelargonium* X *hortorum*; goiaba, goiaba-grande: *Psidium guajava*; guanxuma, guanxuma-branca: *Malvastrum coromandelianum*; guanxuma, guanxuma-comum, guanxuma-escura: *Sida rhombifolia*; hortelã, hortelã-comestível: *Ocimum americanum*; hortelã, hortelã-miudinha: *Mentha spicata*; iodo, iodo-vegetal: *Chelidonium majus*; malva, malva-de-jardim: *Malva sylvestris*; mangerona, mangerona-da-folha-grande, mangerona-graúda: *Origanum X applii*; mangerona, mangerona-da-folha-miúda, mangerona-miúda: *Origanum aff. vulgare*; maracujá, maracujá-doce: *Passiflora alata*; melissa, melissa-cidreira: *Nepeta cataria*; pimentão, pimentão-comprido, pimentão-do-brabo, pimentão-doce: *Capsicum annuum*; primavera, primavera-do-mato: *Brunfelsia uniflora*; quebra-pedra, quebra-pedra-em-rama, quebra-pedra-verdadeiro, quebra-pedra-falso: *Phyllanthus niruri*; quebra-pedra, quebra-pedra-rasteiro, quebra-pedra-falso: *Euphorbia prostata*; quebra-pedra, quebra-pedra-rasteiro, quebra-pedra-miúdo: *Euphorbia serpens*; quebra-pedra, quebra-pedra-verdadeiro: *Phyllanthus tenellus*; transagem, transagem-comum: *Plantago tomentosa*; transagem, transagem-grande: *Plantago major*; uva, uva-branca: *Vitis vinifera*. Entre os complementos qualificativos aplicados (escuro/a, branco/a, verdadeiro/a, falso/a, do-mato, de-jardim, macho, fêmea, rasteiro/a, de-arvorezinha, miúdo, grande), constata-se a tentativa de diferenciação sistemática, utilizando adjetivos que são antônimos entre si.

1.2. Diminutivos: ex: usa-se para *Petroselinum crispum* o nome popular salsa e seu diminutivo salsinha. Outros exemplos: abóbora, abobrinha: *Cucurbita moschata*; boldo, boldinho: *Plectranthus neochilus*; carqueja, carquejinha: *Baccharis articulata*; cebola, cebolinha: *Allium cepa*; cebola, cebolinha: *Allium schoenoprasum*; cidró, cidrozinho: *Aloysia citriodora*; margarida, margaridinha: *Chrysanthemum anethifolium*; morango, moranguinho: *Fragaria* X *ananassa*.

1.3. Alternativos: ex: mil-em-rama, mil-em-ramos, milerrama, milirramo, mil-ramos são nomes de pronúncia variável, atribuídos à espécie *Achillea millefolium*. Outros exemplos: alcanfor, alcanflor, canfor, cânfora: *Artemisia alba*; árnique, arnica, arnique: *Chaptalia nutans*; arruda, ruda: *Ruta chalepensis*; bardana, baldana: *Arctium minus*; bergamota, vergamota: *Citrus reticulata*; brócolis, bróculi, brócoli: *Brassica oleracea* var. *italica*; calêndola, Calendula: *Calendula officinalis*; camamila, camomila: *Matricaria recutita*; cancorosa, cancarosa, cancerosa: *Maytenus ilicifolia*; cancorosa, cancorrosa: *Maytenus aquifolium*; cardo-santo, cordão-santo: *Silybum marianum*; cidreira, erva-cidreira: *Cymbopogon citratus*; gerânio, girano: *Pelargonium* X *hortorum*; guiné, erva-guiné: *Petiveria alliacea*; jambolão, jambolon: *Syzygium cumini*; loro, louro: *Laurus nobilis*; majorana, mangerona: *Origanum* X *applii*; nogueira, nozeira: *Carya illinoinensis*; peito-livre, ponto-alívio: *Mentha spicata*; picão, picon: *Bidens pilosa*; quatro-quina, erva-de-quatro-quina: *Verbena litoralis*; radicha, raditi: *Cichorium intybus*; romã, romão: *Punica granatum*; saúde-da-mulher, saúde-de-mulher: *Abutilon grandifolium*; tansage, tansagem, transage, transagem: *Plantago major*; transagem, transage: *Plantago australis*; vage, vagem: *Phaseolus vulgaris*; violeta, viola: *Viola odorata*.

2. Etno-sinônimos verdadeiros: Ex: no caso de nó-de-cachorro e erva-de-sapateiro , o informante 85 diz que o primeiro termo é o nome comum e o segundo, o nome que está no livro (ambos

são usados para designar *Justicia carnea*). Outros exemplos: abobora, moranga: *Cucurbita pepo*; abóbora, moranga: *Cucurbita moschata*; aipo, salsão: *Apium sellowianum*; alho, cebola: *Allium fistulosum*; almeirão-do-mato, radicha-do-mato: *Hypochaeris brasiliensis*; anis, azulão, gervão, mangericão: *Ocimum selloi*; arnica, erva-de-taio: *Gamochaeta spicata*; artemígia, catinga-de-mulata: *Tanacetum vulgare*; artemísia, camomila-raulivera: *Chrysanthemum parthenium*; assa-peixe, mata-pasto: *Vernonanthura tweediana*; assíncio, losna: *Artemisia absinthium*; bálsamo-brasileiro, boldo-brasileiro: *Sedum dendroideum*; camomila, maçanilha: *Matricaria recutita*; cânfora, infalivina, mil-em-rama, recaída: *Achillea millefolium*; cardo-santo, carrapicho-de-carneiro: *Silybum marianum*; chicória, almeirão, radicha: *Cichorium intybus*; cidreira, boldo, erva-milagrosa: *Lippia alba*; cidró, erva-luiza: *Aloysia citriodora*; cipó-gatinho, unha-de-gato: *Macfadyena unguis-cati*; coentro, endro: *Coriandrum sativum*; crem, raiz-forte: *Armoracia lapathifolia*; dedinho-de-nossa-senhorra, plantinha-milagrosa, pau-pelado: *Euphorbia tirucalli*; erva-de-bicho, pimenta-do-banhado: *Polygonum persicarioides*; erva-de-botão, erva-pedreira: *Richardia brasiliensis*; erva-de-colégio, suçuiá: *Elephantophus mollis*; erva-gorda, boldoega: *Portulaca oleracea*; erva-pombinha, quebra-pedra: *Euphorbia prostata*; erva-santa-maria, espinheira-santa, cancorosa: *Maytenus ilicifolia*; espinheira-santa, cancorosa: *Maytenus aquifolium*; fortuna, olho-grande: *Kalanchoe blossfeldiana*; garupá, erva-de-colônia: *Aloysia gratissima*; gervão, quatro-quina: *Verbena litoralis*; hortelã, ponto-alívio: *Mentha spicata*; hortelã, levante: *Mentha* X *rotundifolia*; hortelã, ponto-alívio: *Mentha* X *villosa*; hortelã, mangericão, melissa, quibi: *Ocimum americanum*; inhame, carne-vegetal, pacová: *Xanthosoma sagittifolium*; insulina, unha-de-gato, uva-do-mato: *Cissus verticillata*; iodo, mercúrio: *Chelidonium majus*; laranjinha, tangerina: *Fortunella margarita*; melissa, hortelã: Melissa officinalis; milheto, rosário-de-nossa-senhora: *Coix lacryma-jobi*; pêlo-de-porco, cabelinho-de-porco: *Eleocharis bonariensis*; quebra-pedra, angiquinho: *Phyllanthus niruri*; quebra-pedra, angiquinho: *Phyllanthus tenellus*; tiririca, bibi: *Cyperus iria*; tiririca, bibi: *Cyperus esculentus*; vermelhão, coloral: *Bixa orellana*.

ETNO-HOMÔNIMOS: ex: o nome babosa, quando não enriquecido de qualificativos, é utilizado para *Aloe vera*, *A. arborescens* e *A. obscura*. Outros exemplos: alho: *Allium fistulosum* e *Allium sativum*; arnica: *Gamochaeta spicata* e *Chaptalia nutans*; arruda: *Ruta chalepensis* e *Ruta graveolens*; calêndula: *Chrysanthemum myconis*, *Calendula officinalis* e *Gaillardia pulchella*; cebola: *Allium cepa* e *Allium fistulosum*; cebola-de-todo-ano: *Allium schoenoprasum*, *Allium cepa* e *Allium fistulosum*; cebolinha: *Allium schoenoprasum*, *Allium cepa* e *Allium fistulosum*; endro: *Coriandrum sativum* e *Anethum graveolens*; erva-de-bicho: *Polygonum hydropiperoides* e *Polygonum punctatum*; erva-santa-maria: *Baccharidastrum triplinervium* e *Maytenus ilicifolia*; girassol: *Helianthus annuus* e *Helianthus laetiflorus*; guanxuma: *Malvastrum coromandelianum* e *Sida rhombifolia*; hortelã: *Mentha spicata*, *Mentha* X *rotundifolia*, *Mentha* X *villosa*, *Ocimum americanum* e *Melissa officinalis*; Infalivina: *Artemisia verlotorum* e *Achillea millefolium*; jurubeba: *Solanum guaraniticum* e *Solanum paniculatum*; malva: *Malva parviflora* e *Malva sylvestris*; mangericão: *Ocimum selloi* e *Ocimum americanum*; mangerona: *Origanum* X *applii*, *Origanum* sp., *Origanum aff. vulgare*; maracujá: *Passiflora alata* e *Passiflora edulis*; margarida: *Chrysanthemum anethifolium* e *Chrysanthemum leucanthemum*; melissa: *Nepeta cataria*, *Ocimum americanum* e *Melissa officinalis*; orégano: *Thymus vulgaris* e *Thymus serpyllum*; pêlo-de-porco: *Juncus bufonius* e *Juncus capillaceus*; poejo: *Cunila microcephala* e *Cunila aff. menthiformis*; ponto-alívio: *Mentha* X *villosa* e *Mentha spicata*; primavera: *Brunfelsia brasiliensis*, *Brunfelsia uniflora* e *Catharanthus roseus*; quebra-pedra-rasteiro: *Euphorbia prostata* e *Euphorbia serpens*; sete-sangria: *Cuphea callophylla* e *Cuphea glutinosa*; tiririca: *Cyperus rotundus*, *Cyperus esculentus* e *Cyperus iria*; transagem: *Plantago australis*, *Plantago major* e *Plantago tomentosa*.

NOMES UTILIZADOS PARA DIFERENCIAR CULTIVARES COMERCIAIS: alface, alface-crespa, alface-lisa: *Lactuca sativa*; bergamota, bergamota-cachaça, bergamota-poncan: *Citrus reticulata*; couve, couve-amarela, couve-roxa: *Brassica oleracea* var. *acephala*; feijão, feijão-de-vagem: *Phaseolus vulgaris*; laranja, laranja-comum, laranja-chorona, laranja-de-natal, laranja-de-todo-ano, laranja-de-umbigo, laranja-doce, laranja-do-céu, laranja-valença, laranja-valência, laranjeira, laranjeira-comum: *Citrus sinensis*; moranga, moranga-cabódia, moranga-japonesa, moranga-de-tronco: *Cucurbita pepo*.

IV. Análise de alguns dados quantitativos:

A. Número de espécies por família:

As quinze famílias com maior número de espécies foram Asteraceae com 45; Lamiaceae com 25; Solanaceae com 14; Myrtaceae com 10; Cucurbitaceae, Rosaceae e Rutaceae com 9 cada; Brassicaceae, Euphorbiaceae, Liliaceae, Malvaceae e Verbenaceae com 7 cada, e Amaranthaceae, Apiaceae e Poaceae com 6 cada. Essas 15 famílias englobaram 174 espécies, o que representou 61% do total de 285 espécies encontradas. As restantes 65 famílias ("outras") totalizaram 111 espécies, ou 39% do total (Figura 1).

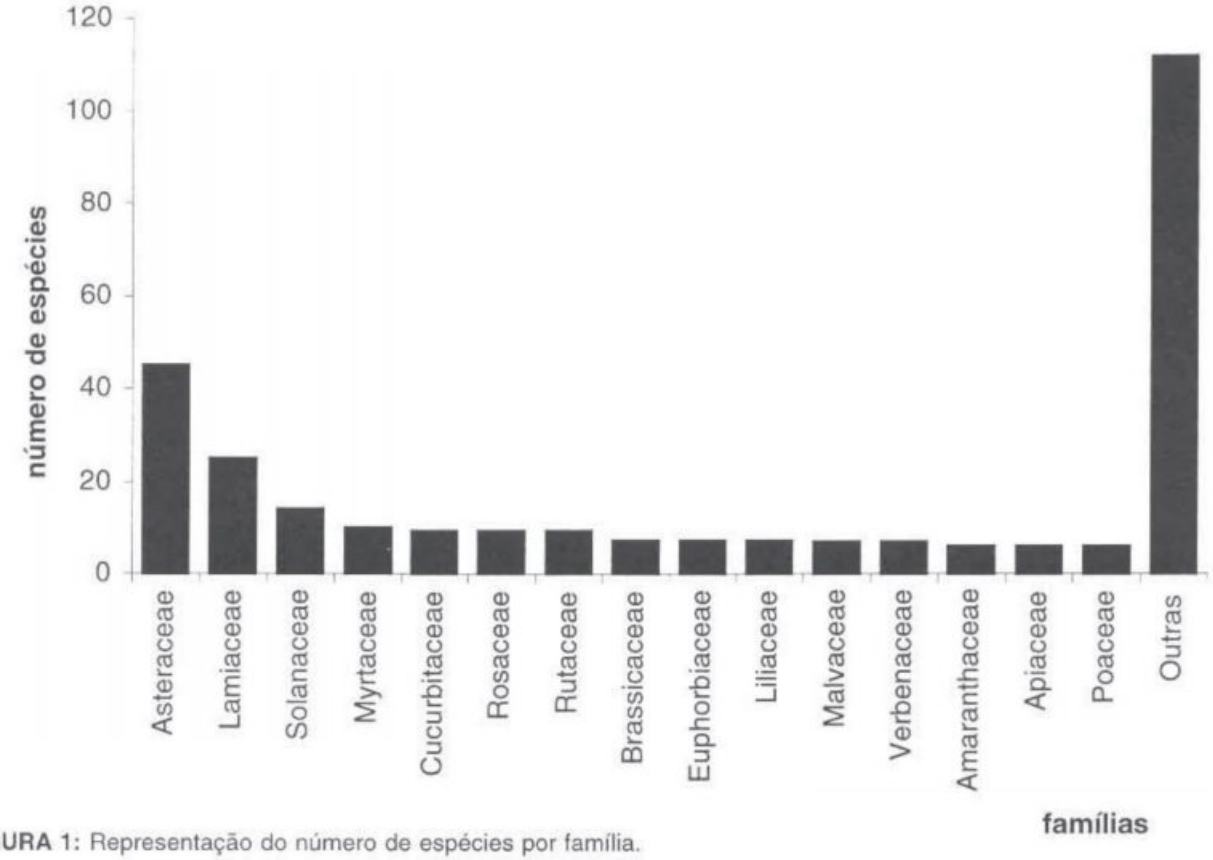


FIGURA 1: Representação do número de espécies por família.

B. Número de nomes populares por família:

As quinze famílias com maior número de nomes populares foram Asteraceae com 86; Lamiaceae com 39; Rutaceae com 33; Solanaceae com 21; Verbenaceae com 17; Liliaceae com 16; Brassicaceae, Cucurbitaceae, Euphorbiaceae, Myrtaceae e Rosaceae com 13 cada; Poaceae com 10, e Aloaceae, Amaranthaceae e Malvaceae com 9 cada. As quinze famílias englobaram 314 nomes populares, o que representou 67,2% do total de 467 nomes populares. As restantes 65 famílias totalizaram 153 espécies, ou 32,8% do total (Figura 2).[1] Asteraceae e Lamiaceae estão respectivamente em primeiro e segundo lugares em número de espécies e número de nomes populares. O índice de nomes populares por espécie (IPE) seria de 1,9 para Asteraceae e de 1,6 para Lamiaceae. Ou seja, o número de nomes populares em Asteraceae é quase igual ao dobro do número de espécies encontradas para a família. É difícil atribuir com certeza a um fator ou outro essa grande proporção de nomes populares em relação ao número de espécies para uma família. Entretanto, poderiam ser apontadas razões como conhecimento mais aprofundado em espécies (e variedades) de uma família do que de outras ou heterogeidade cultural da comunidade. Considerando-se que, em muitos casos, um informante fornecia mais de um nome popular para cada espécie, muitas vezes numa mesma entrevista; isto poderia fortalecer a hipótese de que ele buscasse aprofundar o conhecimento de algumas plantas em detrimento de outras. Esse conhecimento, segundo relatos, era obtido dos vizinhos, amigos, parentes, livros, pastoral da saúde etc. (Dorigoni *et al.*, 2001). A hipótese da heterogeneidade de conhecimentos poderia sugerir que um índice mais elevado de nomes populares por espécie para uma família, seria sinônimo de uma maior divergência de conhecimentos na comunidade. À propósito, Solanaceae, que estava em terceiro lugar com 14 espécies passou para quarto lugar com 21 nomes populares. Rutaceae ocupou o terceiro lugar com 33 nomes populares. Excetuando-se Asteraceae e Lamiaceae, qual seria a terceira família mais importante para a comunidade? Solanaceae com 14 espécies (21 nomes populares) ou Rutaceae com 33 nomes populares (9 espécies)? O índice de nomes populares por espécie é de 1,5 para as 14 espécies de Solanaceae, e de 3,7 para as 9 espécies de Rutaceae. Aparentemente Solanaceae apresenta uma fonte de recursos mais ampla, pois o número de espécies é maior. Entretanto, a capacidade de

[1]Ressalva-se aqui que o número total de nomes populares (467) inclui as repetições. Gervão, por exemplo, é citado duas vezes, em Verbenaceae e em Lamiaceae. Não confundir com o número total de 451, que inclui apenas nomes diferentes e nunca as repetições de um mesmo nome popular em famílias diferentes.

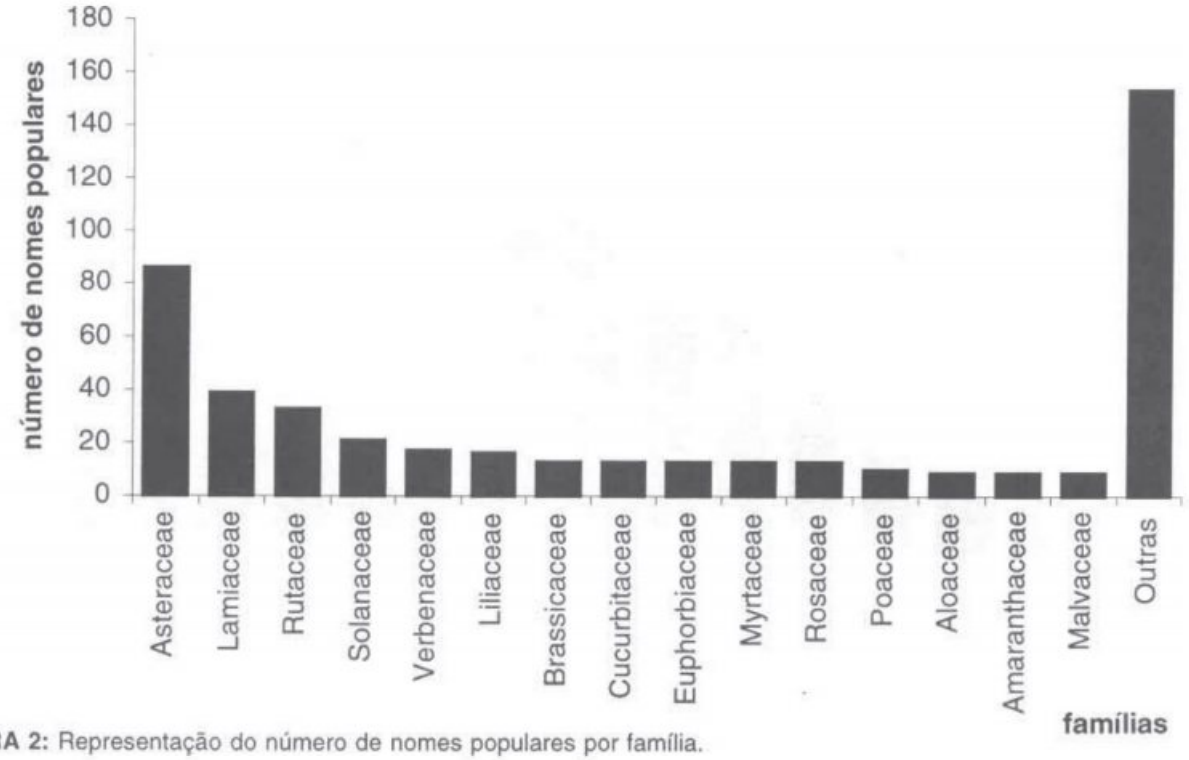


FIGURA 2: Representação do número de nomes populares por família.

exploração dos recursos oferecidos pelas Rutaceae pela comunidade parece ser bem maior do que em Solanaceae; pois, o IPE é mais elevado e poderia indicar uma maior quantidade de informação concentrada em Rutaceae do que em Solanaceae. Se admitirmos que o maior índice de nomes populares por espécie implicaria em maior divergência de conceitos na comunidade, Solanaceae, com o terceiro maior número de espécies, seria mais importante do que Rutaceae. Como constatou-se que um só informante conhece vários nomes populares e que há constantes trocas de informação na comunidade, isto fortalece a hipótese de que a comunidade não seria tão heterogênea e o maior índice de nomes populares por família colocaria Rutaceae como sendo mais importante que Solanaceae. Assim sendo, calculando-se esse índice para as todas as famílias, teoricamente seria possível saber quais famílias teriam maior relevância para a comunidade. Feito isso (figura 3) as 15 famílias com maior IPE seriam, em ordem de importância, com seus respectivos índices: Juglandaceae (4); Rutaceae (3,7); Celastraceae (3,5); Aloaceae, Araceae, Papaveraceae e Vitaceae (3); Plantaginaceae (2,7); Verbenaceae (2,4); Liliaceae (2,3); Begoniaceae, Bixaceae, Caricaceae, Chenopodiaceae e Ebenaceae (2). Num quadro comparativo com as dez primeiras famílias (tabela 3) é possível ver que Juglandaceae, mesmo com apenas uma espécie e ocorrendo apenas em seis unidades amostrais, aparece em primeiro lugar. Embora Rutaceae esteja em segundo lugar, Asteraceae e Lamiaceae, que respectivamente ocorrem em 55 e 53 unidades amostrais, não estão nem entre as quinze primeiras!

TABELA 3: dez famílias com os maiores índices de nome popular por espécie (IPE):

FAMÍLIAS	IPE	Nº DE ESPÉCIES	Nº DE NOMES POPULARES	Nº DE UNIDADES AMOSTRAIS
JUGLANDACEAE	4	1	4	6
RUTACEAE	3,7	9	32	39
CELASTRACEAE	3,5	2	7	11
ALOACEAE	3	3	9	18
ARACEAE	3	1	3	1
PAPAVERACEAE	3	1	3	2
VITACEAE	3	2	6	12
PLANTAGINACEAE	2,7	3	7	32
VERBENACEAE	2,4	7	15	22
LILIACEAE	2,3	7	16	20

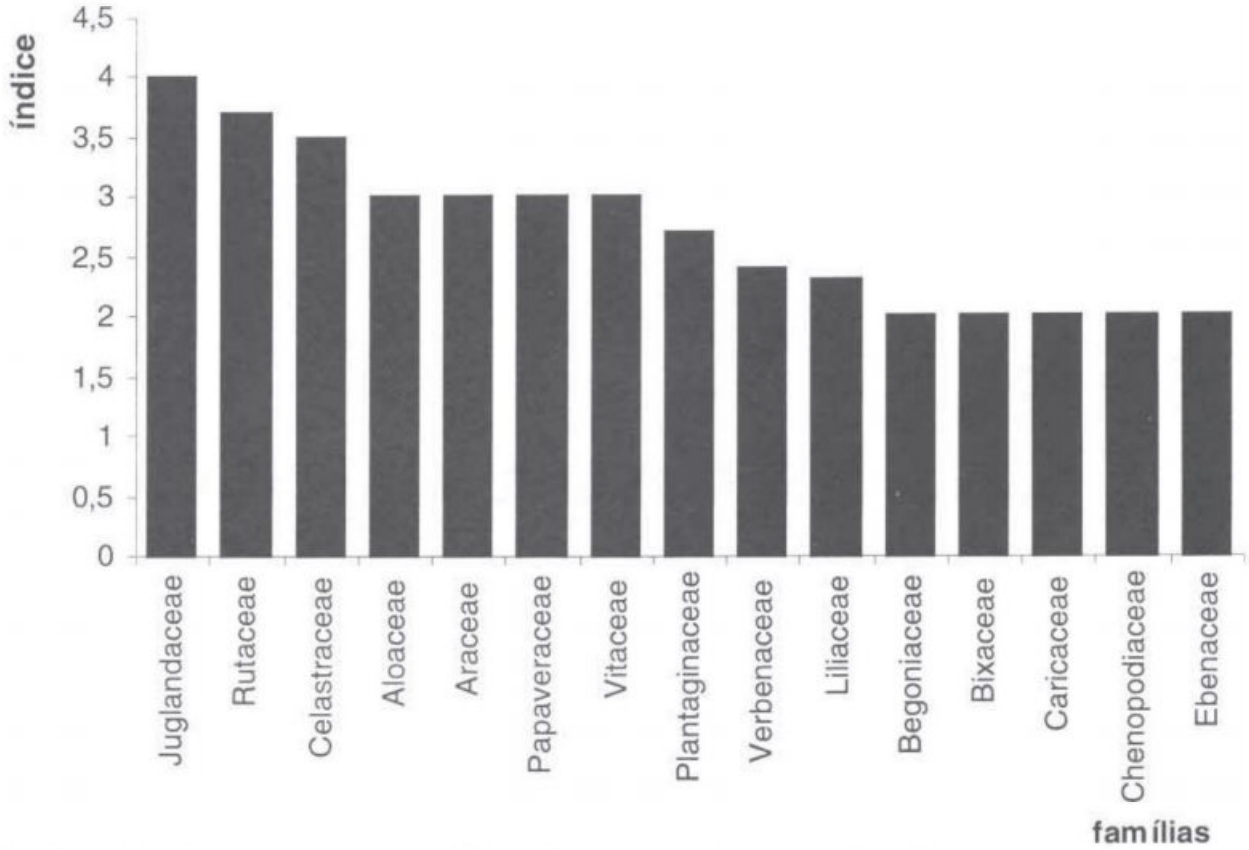


FIGURA 3: Quinze famílias com os maiores índices de nomes populares por espécie (IPE).

À primeira vista, já é possível constatar uma forte distorção na ordenação gerada pelo uso exclusivo do IPE (Figura 3, Tabela 3). Sobressaem famílias inexpressivas em número de espécies e que aparecem em poucas unidades amostrais. Outras, com um grande número de espécies e presentes em um mais da metade das unidades amostrais, ficam em segundo plano. O PRNP foi calculado para 79 famílias (excluindo-se Capparaceae)[1] e corrigiu as distorções observadas, gerando uma nova ordenação que não supervaloriza nem o número de espécies, nem o número de nomes populares por família, de forma isolada. Os valores obtidos (Figura 3) permitem que sejam lançadas hipóteses sobre quais famílias seriam as mais relevantes economicamente para a comunidade, levando-se em conta como critério, apenas os diferentes nomes populares inventariados. As famílias com seus respectivos índices (PRNP) foram: Asteraceae (0,194), Lamiaceae (0,087), Rutaceae (0,054), Solanaceae (0,024), Euphorbiaceae (0,017), Verbenaceae (0,015), Apiaceae (0,014), Poaceae (0,014), Myrtaceae (0,013), Liliaceae (0,013), Cucurbitaceae (0,012), Plantaginaceae (0,011), Brassicaceae (0,010), Rosaceae (0,010) e Malvaceae (0,007) são as mais importantes para esta comunidade em função do "Peso" de seus nomes populares. Esta metodologia permite que estes resultados sejam comparados com os de outra comunidade na qual o mesmo método seja utilizado. Estes resultados fornecem elementos que permitem traçar-se objetivos em projetos de extensão, estudos de viabilidade econômica de projetos de manejo sustentável de recursos como extrativismo e agrossilvicultura, que tenham respaldo na realidade cultural local, respeitando os padrões conceituais etnobotânicos da comunidade.

A. A aplicação dos nomes populares pelos informantes:

A existência de 451 nomes populares para 285 espécies representa um índice de 1,58 nome popular para cada espécie botânica. Entretanto, há algumas espécies com muitos nomes populares, outras com apenas um nome, e aquelas sem nome popular. Constata-se, portanto, que há um deslocamento neste índice. Este deslocamento, provavelmente poderia ser promovido pelo maior ou menor conhecimento das espécies pela comunidade, maior ou menor heterogeneidade das fontes de informação, ou ainda, maior ou menor número de variedades da espécie reconhecidas pelos informantes. Em qualquer caso, as espécies com maior número de nomes populares seriam espécies de destaque do

[1]A família Capparaceae foi excluída dos cálculos de índice de importância, pois não apresentou nenhum nome popular

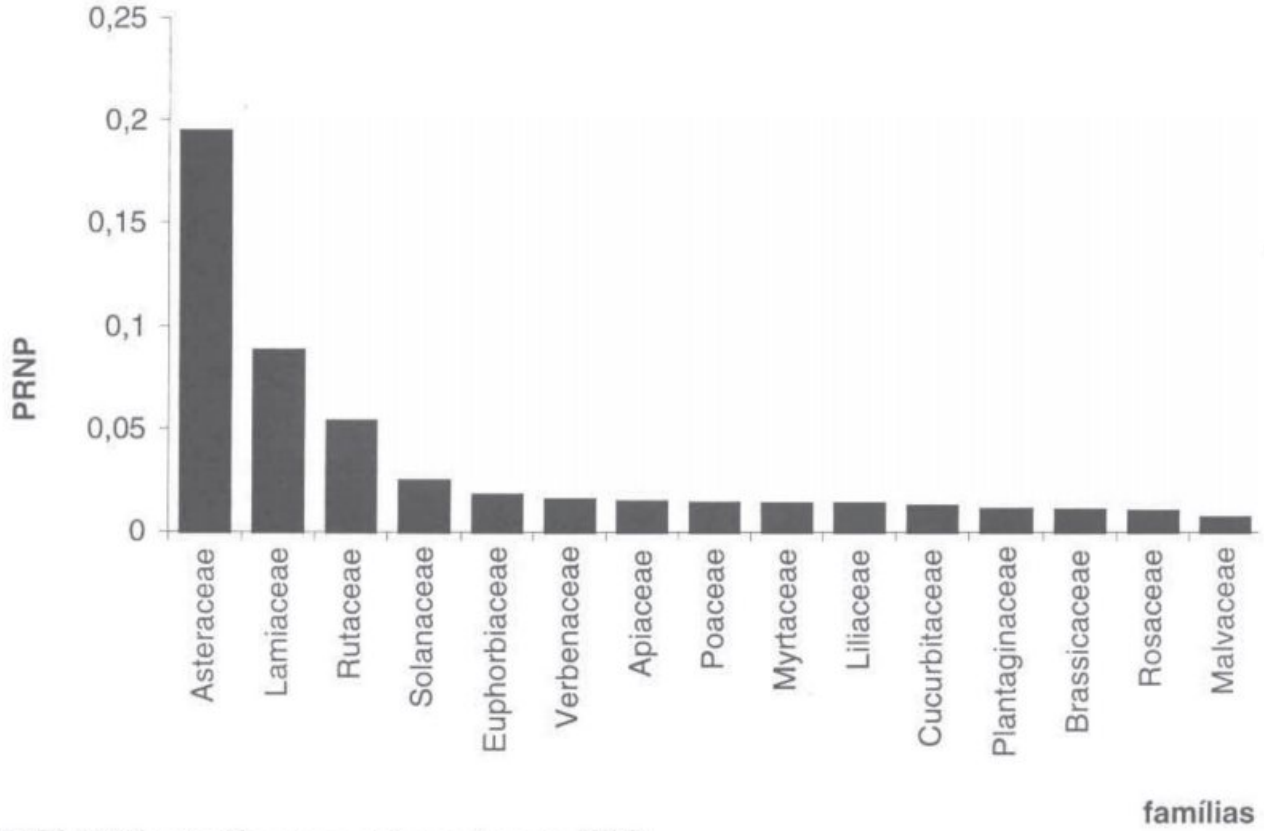


FIGURA 4: Quinze famílias com os maiores valores de PRNP.

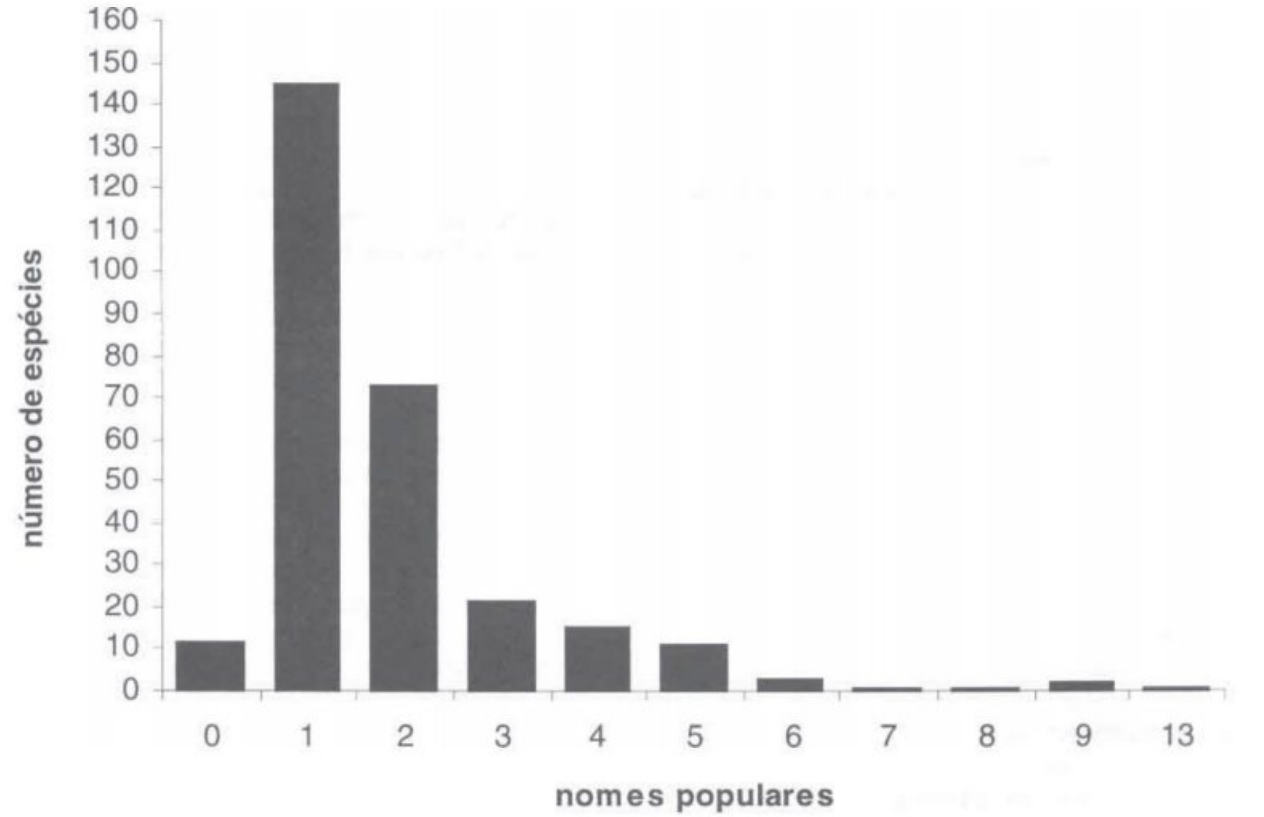


FIGURA 5: Representação do número de espécies com nenhum, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito nove ou treze nomes populares.

ponto de vista etnobotânico, quer seja pela quantidade de informação folk associada a elas, quer seja pela provável variabilidade genética sugerida pelos diferentes nomes. O nome popular é uma ótima forma de quantificar o conhecimento etnobotânico ou a quantidade de informação sobre a espécie. O uso do número de múltiplos usos para cada espécie também poderia ser utilizado juntamente ao número de nomes populares.

Para estimar-se o número de nomes populares por espécie é necessário reunir todos os nomes populares diferentes encontrados para uma mesma espécie em todas as unidades amostrais. Embora alguns parônimos tragam dúvidas, por exemplo, transagem, tansagem e tansage; é necessário que a mínima diferença receba o mesmo peso da grande diferença. Assim, baldana e bardana são nomes tão diferentes para *Arctium minus*, na mesma proporção que maçanilha e camomila são nomes diferentes para *Matricaria recutita*. Este procedimento é obrigatório para que haja uma metodologia única e reproduzível no trabalho, pois é impossível definir o quão diferente um nome é do outro. Ou os nomes são diferentes, ou não são.

Para verificar quantos nomes populares diferentes recebia cada espécie foi feita a análise, através da qual constatou-se que *Citrus sinensis*, com 13 nomes diferentes, foi a espécie que mais nomes populares recebeu. Logo a seguir vieram *Achillea millefolium* e *Citrus reticulata* com 9 nomes cada; *Aloysia citriodora* com 8; *Brassica oleracea* com 7; *Cucurbita pepo*, *Allium fistulosum*, *Plantago major* com 6 nomes cada, e assim por diante, mais 11 espécies com 5 nomes cada; 15 espécies com 4 nomes cada; 21 espécies com 3 nomes cada, e 73 espécies com 2 nomes cada. Ao final, 145 espécies apresentaram apenas 1 nome popular e 12 espécies não apresentaram nenhum nome popular (figura 5). Em resumo, 51% das espécies recebeu apenas um nome popular; 45% das espécies recebe de 2 até 13 nomes populares, e 4,2% das espécies não apresenta nenhum nome popular. Apesar dos valores extremos, a maioria das espécies não chega a ter dois nomes populares diferentes.

Foi verificado quais e quantas espécies tinham, em pelo menos uma unidade amostral, nome popular desconhecido. Constatou-se que das 285 espécies, 251 delas (88%) não apresentaram ausência de nome popular em nenhuma unidade amostral. Para 34 espécies (12%), pelo menos em uma unidade amostral o nome popular era desconhecido. Sugere-se, em função disso, que pelo menos 88% das espécies sejam bem conhecidas da comunidade.

Analisando-se a homogeneidade dos nomes populares por unidade amostral, constatou-se que algumas espécies apresentaram unanimidade na comunidade quanto ao nome popular utilizado. Para 15% das espécies houve unanimidade entre 2 a 22 residências visitadas nas quais as espécies recebiam sempre o mesmo nome popular. As espécies que destacaram-se foram *Foeniculum vulgare*, funcho em todas as 22 unidades amostrais onde foi encontrado; *Plectranthus barbatus*, boldo para todas as 19 unidades amostrais; *Tetragonia tetragonoides*, espinafre em todos os 13 casos; *Malva parviflora*, malva em todos os 13 casos; *Symphytum officinale*, confrei em todos os 11 casos, *Zea mays*, milho em todos os 11 casos, e assim por diante, seguem outras espécies ocorrentes em um número menor de unidades amostrais. Aparentemente estas espécies têm grande importância etnobotânica para a comunidade. Sugere-se como critério a avaliação da unanimidade. O mesmo nome popular ocorrendo em mais de 10% das unidades amostrais funcionaria como um critério de eleição das espécies-chave da comunidade. No caso seriam *Foeniculum vulgare*, *Plectranthus barbatus*, *Tetragonia tetragonoides*, *Malva parviflora*, *Symphytum officinale*, *Zea mays* e *Salvia officinalis*. Para 32% das espécies houve citação em apenas uma unidade amostral. A maioria das espécies (53%) foi encontrada em mais de uma unidade amostral com diferentes nomes populares.

V. Comentários sobre a linguagem local:

A pronúncia local de palavras em português é influenciada por características lingüísticas locais e expressões típicas que poderão ser mais tarde pesquisadas com mais detalhe e que têm grande relevância para a compreensão do contexto cultural local. Assim é o caso do termo hemorróidas (v. *Dicliptera sp.*), pronunciado de modo diferenciado, por exemplo "moróide" (68) e "morróide" (76). A Acanthaceae, *Dicliptera* sp., referida apenas como "planta para hemorróidas" foi a única etnoespécie considerada oculta, sem nome popular, provavelmente devido à sua aludida introdução recente na comunidade. Houve indícios de sua distribuição e divulgação entre vizinhos e parentes do informante entrevistado, mas em nenhum caso foi dado um nome popular. Curiosamente com relação a outra Acanthaceae, *Justicia carnea*, o informante, era uma senhora, nº 85, disse que no livro estava escrito erva-de-sapateiro (mostrou o livro), mas "conhecia por nó-de-cachorro" e seguidamente ria, envergonhando-se ao dizer este nome. Não foi possível compreender o motivo desta reação; entretanto, durante as várias vezes em que houve a busca no "livro", a identificação era por semelhança do desenho com o hábito e aspectos da flor, nem sempre correspondendo à mesma espécie ou família botânica, mas funcionando como fonte de escolha de nomes alternativos mais "aceitáveis" e de outras utilidades para as plantas cultivadas.

AGRADECIMENTO

À população de São João do Polêsine, EMATER e Prefeitura Municipal, Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, Setor de Transportes da Prefeitura da Cidade Universitária. Também somos muito gratos aos colegas Dra.Thaís Scotti do Canto-Dorow (UFSM/SMDB), Dr.Sérgio Luís de Loreto Bordignon (UNISSALLE/ULBRA), Dr.Nelson Ivo Matzembacher (PUCRGS), Rodrigo Magalhães (FZBRGS), Ary Nílson (FZBRGS) e Amélia Moema Veiga Lopes (UNICRUZ) pelo auxílio na identificação de algumas espécies. Os três primeiros, respectivamente em Poaceae (*Stenotaphrum*), Lamiaceae (*Cunila*) e Asteraceae (*Lactuca*). Agradecemos à Benardete de Fátima Panno (SMDB) pelo auxílio na organização e inclusão do material no herbário; à Profa. Cybele Almeida do Departamento de Fisiologia (UFSM); aos alunos do Curso de Farmácia e Bioquímica da UFSM, Pollyana A.Dorigoni, Paulo C.Ghedini, Luciano F.Fróes e Karen C.Baptista por terem criado a base para o início das pesquisas etnobotânicas na região, e aos alunos do Curso de Biologia da UFSM, Adair Schwab e Cláudia Porto pelo auxílio inicial na coleta de dados e de amostras vegetais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, U.P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia,** v. 78, n. 3, p. 60-4. 1997.

ALBUQUERQUE, U.P.; CHIAPETTA, A.A., O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros, Recife, Brasil. **Revista Ciência e Trópico,** v. 22, n. 2, p.197-210. 1994.

ALEXÍADES, M.A. (Ed.) **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research:** A Field Manual. New York: The New York Botanical Garden. 1996.

BERLIN, B. Speculations on the growth of ethnobotanical nomenclature. **Journal of Language And Society**, v. 1, p. 63-98, 1972.

BERLIN, B. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. **Annual Review of Ecology and Systematics**, v. 4, p. 259-71, 1973.

BERLIN, B. The concept of rank in ethnobiological classification: some evidence from Aguaruna folk botany. **American Ethnologist,** v. 3, p. 381-99, 1976.

BERLIN, B.; BREEDLOVE, D.; RAVEN, P. Folk taxonomies and biological classification. **Science,** v. 154, p. 273-5, 1966.

BERLIN, B.; BREEDLOVE, D.; RAVEN, P. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropologist,** v. 75, p. 214-42, 1973.

CRONQUIST, A. **An Integrated System of Classification of the Flowering Plants**. New York: Columbia University Press, 1981.

DALY, D.C. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: **Etnobotânica, bases para a conservação, I Workshop Brasileiro de Etnobotânica e Botânica Econômica**. FONSECA, V.S.; SILVA, I.M.; SÁ, C.F.C. de (Orgs.). Congresso Nacional de Botânica, 47, 1996, Nova Friburgo. Seropédica, UFRRJ/EDUR, p. 50-68. 1998.

DORIGONI, P.A.; GHEDINI, P.C.; FRÓES, L.F., *et al.* Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, no período de agosto de 1997 a dezembro de 1998. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 4, n. 1, p. 69-79, 2001.

GHEDINI, P.C.; DORIGONI, P.A.; ALMEIDA, C.E., *et al.* Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de são joão do polêsine, RS, no período de agosto de 1997 a dezembro de 1998. II – Emprego de preparações caseiras de uso medicinal. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 5, n. 2, p. 46-55, 2002.

HAYS, T.E. Utilitarian/adaptationist explanations of folk classification: some cautionary notes. **Journal of Ethnobiology**, v. 2, p. 89-94, 1982.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001.

HUNN, E.S. The utilitarian factor in folk biological classification. **American Anthropologist**, v. 84, n. 4, p. 830-47, 1982.

JENSEN, A.A. **Sistemas indígenas de classificação de aves:** aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos. Belém: Museu Paraense Emílio Goeld, 1988.

KOTTAK, C.P. **Antropologia.** Madrid: Mc Graw-Hill, 1994.

MARTÍNEZ-CROVETTO, R. Introducción a la Etnobotanica Aborigen del Nordeste Argentino. **Etnobiologica**, n. 11, p. 1-20, 1968.

MOUSSA, F.; LLERAS, E.; COUTURIER, G., *et al.* Alguns aspectos metodológicos em botânica econômica: caso das palmeiras amazônicas. In: FONSECA, V.S. da; SILVA, I.M.; SÁ, C.F.C. de (Orgs.). **Etnobotânica - Bases para a conservação, I Workshop Brasileiro de Etnobotânica e Botânica Econômica**, Nova Friburgo: SBB, 1998, p. 9-49.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypothesis tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 15-32, 1993.

POSEY, D.A. Etnobiologia: teoria e prática. In: **Suma Etnológica Brasileira. Etnobiologia**, v.1. RIBEIRO, B.G. (Org.). Rio de Janeiro: Vozes/FINEP, 1987.

ANEXO

A. Listagem de nomes populares:

1. abacaxi
2. abóbora
3. abobrinha
4. acerola
5. agrião
6. aipo
7. alcachofra
8. alcanflor
9. alcanfor
10. alecrim
11. alecrim-branco
12. alecrim-claro
13. alecrim-de-jardim
14. alecrim-escuro
15. alface
16. alface-crespa
17. alface-lisa
18. alho
19. alho-de-cabeça
20. alho-louco
21. alho-macho
22. alho-poró
23. almeirão-do-mato
24. almerão
25. ameixa
26. ameixa-amarela
27. amora
28. amorinha-do-mato
29. anador
30. angiquinho
31. anis
32. araçá
33. araticu
34. ariticum
35. arnica
36. arnica-do-mato
37. arnique
38. árnique
39. arruda
40. arruda-fêmea
41. arruda-macho
42. artemígia
43. artemísia
44. árvore-perfumada
45. aspargo
46. aspargo-italiano
47. aspargo-legítimo
48. asperina
49. assa-peixe
50. assíncio
51. avenca
52. avenca-grande
53. avenquinha-da-graúda
54. avenquinha-da-miúda
55. azulão
56. babosa
57. babosa-com-mancha
58. babosa-com-pinta
59. babosa-da-folha-larga
60. babosa-da-legítima
61. babosa-de-folha-estreita
62. babosa-lisa
63. babosa-pintadinha
64. babosa-verdadeira
65. baldana
66. baldrão
67. bálsamo-alemão
68. bálsamo-brasileiro
69. banana
70. bardana
71. batata-doce
72. batata-inglesa
73. begônia-azeda
74. begônia-são-joão
75. beijo
76. bergamota
77. bergamota-cachaça
78. bergamota-poncan
79. bergamoteira
80. beringela
81. beterraba
82. bibi
83. bico-de-papagaio
84. boldinho
85. boldo
86. boldo-brasileiro
87. boldo-chinês
88. boldo-do-chile
89. boldo-do-chile-legítimo
90. boldoega
91. boldo-rasteiro
92. bolsa-de-pastor
93. brócoli
94. brócolis
95. bróculi
96. bromélia
97. buba
98. cabelinho-de-porco
99. cactus
100. café
101. calêndola
102. calêndula
103. calêndula-simples
104. camamila
105. camomila
106. camomila-raulivera
107. cana-de-açúcar
108. cana-do-brejo
109. cancarosa
110. cancerosa
111. cancorosa
112. cancorrosa
113. canela
114. caneleira
115. canfor
116. cânfora
117. cânfora-alecrim
118. capim-cidreira
119. capim-cidró
120. capuchinho
121. caqueiro
122. cáqui
123. carambola
124. cardo-santo
125. carne-vegetal
126. caro
127. carqueja
128. carqueja-branca
129. carquejinha
130. carquejinha-branca
131. carquejinha-miúda
132. carrapicho
133. carrapicho-comum
134. carrapicho-de-carneiro
135. carrapicho-rasteiro
136. cartucho
137. caruru
138. carvalhinho
139. catinga-de-mulata
140. cavalinha
141. cebola
142. cebola-de-todo-ano
143. cebolinha
144. cebolinha-de-todo-ano
145. cebolinha-grande
146. cebolinha-miúda
147. cebolinha-miúda-de-todo-ano
148. cebolinha-verde
149. celga
150. cenora
151. cerejera
152. chapéu-de-couro
153. chicória
154. chuchu
155. cidreira
156. cidreira-de-árvore
157. cidreira-de-arvorezinha
158. cidreira-de-folhinha
159. cidró
160. cidró-pessegueiro
161. cidrozinho

162. cipó-de-monjo
163. cipó-gatinho
164. coentro
165. coloral
166. confrei
167. cordão-santo
168. couve
169. couve-amarela
170. couve-flor
171. couve-roxa
172. crem
173. crisântemo
174. crista-de-cardeal
175. crista-de-galo
176. dália
177. damasco
178. dedinho-de-deus
179. dedinho-de-nossa-senhora
180. dinheirinho
181. dólar
182. dorme-dorme
183. endro
184. erva-cidreira
185. erva-da-colônia
186. erva-de-bicho
187. erva-de-botão
188. erva-de-colégio
189. erva-de-quatro-quinas
190. erva-de-sapateiro
191. erva-de-taio
192. erva-gorda
193. erva-guiné
194. erva-luígia
195. erva-luíza
196. erva-mate
197. erva-milagrosa
198. erva-pedreira
199. erva-pombinha
200. erva-roxa
201. erva-santa
202. erva-santa-maria
203. erva-santana
204. ervilha
205. esfregão
206. espada-de-são-jorge
207. espinafre
208. espinheira
209. espinheira-santa
210. eucalipto-cidró
211. feijão
212. feijão-de-vagem
213. figo
214. figueira
215. flamboiã
216. flor
217. flor-de-cera
218. flor-de-maio
219. folhagem
220. fortuna
221. framboesa
222. fruta-do-conde
223. funcho
224. garupá
225. gengibre
226. gerânio
227. gervão
228. girano
229. girano-branco
230. girano-vermelho
231. girassol
232. goiaba
233. goiaba-grande
234. goiabeira
235. grama-de-jardim
236. guaco
237. guanxuma
238. guanxuma-branca
239. guanxuma-comum
240. guanxuma-escura
241. guavirova
242. guiné
243. hormônio natural
244. hortênsia
245. hortelã
246. hortelã-comestível
247. hortelã-miudinha
248. infalivina
249. infalivina-de-horta
250. inhame
251. insulina
252. iodo
253. iodo-vegetal
254. ipê-roxo
255. jabuticaba
256. jambolão
257. jambolon
258. jombolão
259. jurubeba
260. lágrima-de-cristo
261. laranja
262. laranja-azeda
263. laranja-chorona
264. laranja-cidra
265. laranja-comum
266. laranja-de-natal
267. laranja-de-todo-ano
268. laranja-de-umbigo
269. laranja-doce
270. laranja-do-céu
271. laranja-todo-ano
272. laranja-valença
273. laranja-valência
274. laranjeira
275. laranjeira-comum
276. laranjinha
277. levante
278. lima
279. limão
280. limão-bergamota
281. limão-cidra
282. limão-comum
283. limão-taiti
284. limeira
285. loro
286. losna
287. louro
288. maçanilha
289. majorana
290. malva
291. malva-de-jardim
292. mamão
293. mamão-macho
294. mandioca
295. manga
296. mangerona
297. mangerona-da-folha-grande
298. mangerona-da-folha-miúda
299. mangerona-graúda
300. mangerona-miúda
301. maracujá
302. maracujá-doce
303. marcela
304. margarida
305. margaridinha
306. margaridinha-do-mato
307. marmelo
308. mata-pasto
309. melancia
310. melão
311. melhoral
312. melissa
313. menstruço
314. mercúrio
315. mil-em-rama
316. mil-em-ramos
317. milerrama
318. milheto
319. milho
320. milirramo
321. mil-ramos
322. moças-e-velhas
323. moranga
324. moranga-cabódia
325. moranga-de-tronco
326. moranga-japonesa
327. morango
328. moranguinho
329. mostarda
330. mucurã
331. nó-de-cachorro
332. nogueira

333. noz
334. nozeira
335. nozes
336. noz-moscada
337. olho-grande
338. oliveira
339. ora-pro-nóbis
340. orégano
341. pacová
342. palminha-serenada
343. pariparoba
344. parreira
345. pata-de-vaca
346. pau-d'água
347. pau-pelado
348. pega-pega-rasteiro
349. peito-livre
350. pêlo-de-porco
351. penicilina
352. pepino
353. pereira
354. perna-de-moça
355. pêssego
356. pessegueiro
357. picão
358. picon
359. pimenta-braba
360. pimenta-do-banhado
361. pimentão
362. pimentão-comprido
363. pimentão-do-brabo
364. pimentão-doce
365. pimentão-de-jardim
366. pimentinha
367. pitangueira
368. plantinha-milagrosa
369. poejo
370. ponto-alívio
371. primavera
372. primavera-do-mato
373. pulmonária
374. quatro-quina
375. quebra-pedra
376. quebra-pedra-em-rama
377. quebra-pedra-falso
378. quebra-pedra-miúdo
379. quebra-pedra-rasteiro
380. quebra-pedra-verdadeiro
381. quebra-tudo
382. quiabo
383. quíbi
384. quitoco
385. rabanete
386. radicha
387. radicha-amarga
388. radicha-do-mato
389. radicha-do-papa
390. radicha-grande
391. radicha-hormônio
392. radiche-italiana
393. raditi
394. raiz-forte
395. recaída
396. romã
397. romão
398. rosa
399. rosário-de-nossa-senhora
400. roseira
401. roseira-branca
402. rúcula
403. ruda
404. salsa
405. salsão
406. salsaparrilha
407. salsinha
408. sálvia
409. saúde-da-mulher
410. saúde-de-mulher
411. sempre-viva
412. sete-capota
413. sete-sangria
414. suçuiá
415. tajujá
416. tangerina
417. tansage
418. tansagem
419. tansagem-verdadeira
420. terramicina
421. tiririca
422. tomate
423. tomate-de-árvore
424. tomate-gaúcho
425. tomate-rastero-todo-ano
426. transage
427. transagem
428. transagem-comum
429. transagem-grande
430. trapoeiraba
431. três-marias
432. trevinho-quatro-folhas
433. trombas
434. unha-de-gato
435. urtigão-do-mato
436. urutum
437. uva
438. uva-branca
439. uva-do-mato
440. vage
441. vage-chata
442. vage-de-metro
443. vagem
444. vassoura
445. veludinho
446. verdadeira-melissa-cidreira
447. vergamota
448. vergamoteira
449. vermelhão
450. viola
451. violeta